PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ana Maria Valladão Pires Gama

Os estágios em Psicologia: formação e preparação para atuação profissional

Belo Horizonte
2017

Ana Maria Valladão Pires Gama

Os estágios em Psicologia: formação e preparação para atuação profissional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Intervenções clínicas e sociais

Orientador: Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto

**Belo Horizonte
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G184e Gama, Ana Maria Valladão Pires
Os estágios em Psicologia: formação e preparação para atuação profissional
/ Ana Maria Valladão Pires Gama. Belo Horizonte, 2017.
86 f.: il.

Orientador: João Leite Ferreira Neto
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Formação profissional. 2. Psicólogos - Formação. 3. Programas de estágio - Treinamento. 4. Currículos - Psicologia. 5. Interesse profissional. 6. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Campus São Gabriel). Departamento de Psicologia - Estudo e ensino (Estágio). I. Ferreira Neto, João Leite. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Ana Maria Valladão Pires Gama

Os estágios em Psicologia: formação e preparação para atuação profissional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto – PUC Minas (Orientador)

Prof.^a. Dr.^a. Érika Lourenço – UFMG

Prof.^a. Dr.^a. Betânia Diniz Gonçalves – PUC Minas

Belo Horizonte, 06 de novembro de 2017

À minha mãe e ao meu pai que sempre me incentivaram
e se orgulharam das minhas conquistas e que se ainda
estivessem aqui teriam acompanhado de perto todo esse
processo. Saudades!

AGRADECIMENTOS

Ao João, meu orientador, extremamente gentil, respeitoso e cuidadoso comigo e com o meu trabalho.

Às participantes da pesquisa, ex-alunas e hoje colegas de profissão, que se dispuseram a falar de suas vivências nos estágios.

À Prof.^a Érika Lourenço, pelo aceite e disponibilidade em compor essa banca e pelas considerações na banca de qualificação, as quais contribuíram muito para o desenvolvimento desse trabalho.

À Betânia, Liza e Tininha pela amizade, confiança e compartilhamento de tristezas, angústias, alegrias e conquistas, do trabalho e da vida. Agradeço especialmente à Betânia, que além da amizade, acompanhou o meu trabalho desde o início e se dispôs a lê-lo e avaliá-lo, sempre muito positiva e incentivadora.

À Madalena, coordenadora do curso, por ter autorizado e apoiado essa pesquisa e ao Carlos Eduardo, atual coordenador, também pelo apoio e incentivo.

Ao Vilmar Oliveira, pela disponibilidade em ajudar com a coleta e análise dos dados, pela leitura e revisão do meu trabalho.

Ao Jefferson Silva, pelo auxílio com as transcrições das entrevistas e dos grupos focais.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas, pelas aulas ministradas e por estarem tão envolvidos na busca por um Programa de qualidade.

A todos os funcionários do Programa, por serem sempre tão atenciosos e solícitos.

Ao Paulo, Henrique e Guilherme, que sentiram os efeitos desse período e viveram comigo as minhas inquietações e angústias. Amo vocês!

À minha família que esteve sempre ao meu lado e torcendo por mim.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender a relevância dos estágios na formação do psicólogo e até que ponto conferem aos alunos uma base sólida para o exercício profissional e contribuem para uma efetiva atuação profissional. Para investigar a importância dos estágios obrigatórios na formação dos estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel foram realizadas entrevistas com psicólogas formadas no referido curso e grupo focal com alunas do último ano. Foram escolhidas cinco psicólogas que haviam se formado nos anos 2011 e 2012 que estavam exercendo a profissão em diferentes áreas, a saber: avaliação psicológica, clínica, educação, trabalho e políticas públicas. As fontes documentais por nós utilizadas foram: 1) as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Psicologia; 2) a Lei nº 11.788, chamada “Lei do Estágio” que dispõe sobre o estágio de estudantes; 3) o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Psicologia da PUC Minas São Gabriel aprovado no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da referida universidade em 2009 e implantado no primeiro semestre do ano subsequente onde se encontra o detalhamento da proposta de estágios; 4) dissertações, teses e publicações em geral que versam sobre a formação em Psicologia. Os dados gerados foram tratados através da análise de conteúdo. De acordo com o PPC pode-se observar que os estágios obrigatórios são muito valorizados e o mesmo transcorre com as participantes da pesquisa tanto nas entrevistas como nos grupos focais que, de um modo geral, consideraram os estágios como experiências essenciais à formação, à construção de conhecimento e à prática profissional. Pode-se concluir que os estágios obrigatórios cumprem um importante papel diante da formação dos estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel, ao colocar os discentes frente à diversidade das situações de trabalho, contribuindo para a aquisição e o exercício de habilidades necessárias ao exercício da profissão.

Palavras-chave: estágio obrigatório; formação em Psicologia; diretrizes curriculares.

ABSTRACT

This research aimed to understand the relevance of the supervised training of the psychologist and to what extent they give the students a solid basis for the professional exercise and contribute to an effective professional performance. In order to investigate the importance of the obligatory supervised training of the Psychology students of PUC Minas São Gabriel, interviews were conducted with psychologists graduated in this course and the focal group with students of the last year. Five psychologists who had graduated in the years 2011 and 2012 who were practicing in different areas were chosen: psychological evaluation, clinic, education, work and public policies. The documentary sources we used were: 1) the National Curricular Guidelines (DCN) for graduate courses in Psychology; 2) Law No. 11.788, called the "Supervised Training Law", that provides for the student's supervised training; 3) the Pedagogical Project of Psychology (PPC) of PUC Minas São Gabriel, approved in 2009 at the University's Council of Teaching, Research and Extension (CEPE), and implemented in the first semester of the following year, where details of the proposal of supervised training can be found; 4) Dissertations, theses and publications in general that deal with training in Psychology. The data were treated through content analysis. According to the PPC, it can be observed that the obligatory supervised training are highly valued and the same happens with the participants of the research, both in the interviews and in the focal groups that, in general, considered the supervised training as essential experiences for the formation, the construction knowledge and professional practice. It is possible to conclude that obligatory supervised training play an important role in the training of students in the Psychology course of PUC Minas São Gabriel, by placing the students in front of the diversity of work situations, contributing to the acquisition and exercise of the necessary skills to the exercise of the profession.

Keywords: obligatory supervised training; Psychology professional development; curricular guidelines.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Organização dos estágios no Núcleo comum

Quadro 2 – Organização dos estágios na Ênfase em Gestão, Processos de Subjetivação e Instituições

Quadro 3 – Organização dos estágios na Ênfase em Cuidado, Processos Psicossociais e Saúde

Quadro 4 – Oferta de estágios do currículo 8511 do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel no 1º semestre de 2017

Quadro 5 – Oferta de estágios do currículo 8510 do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel no 1º semestre de 2017

Quadro 6 – Síntese do perfil das entrevistadas

Quadro 7 – Síntese das participantes dos grupos focais

LISTA DE SIGLAS

ACG – Atividade Complementar de Graduação

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CFE – Conselho Federal de Educação

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CNE – Conselho Nacional de Educação

CPPS – Cuidado, processos psicossociais e saúde

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

FAPSI – Faculdade de Psicologia

GPSI – Gestão, processos de subjetivação e instituições

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

NDE – Núcleo Docente Estruturante

PPC – Projeto Pedagógico de Curso (antigo Projeto Político Pedagógico)

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DA PUC MINAS SÃO GABRIEL.....	12
2.1 Formação em Psicologia no Brasil.....	12
2.2 Os estágios na formação em Psicologia	18
2.3 Caracterização e histórico do curso de Psicologia na PUC Minas São Gabriel.....	21
3 METODOLOGIA	33
4 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS CONFORME ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUC MINAS SÃO GABRIEL.....	39
4.1 A importância dos estágios obrigatórios na percepção das profissionais.....	39
4.1.1 <i>Importância dos estágios obrigatórios: articulação entre teoria e prática</i>	<i>40</i>
4.1.2 <i>Critérios para a escolha dos estágios</i>	<i>49</i>
4.1.3 <i>Relação do estágio com outras atividades acadêmicas</i>	<i>59</i>
4.2 A importância dos estágios obrigatórios na perspectiva das estudantes.....	61
4.2.1 <i>Importância dos estágios obrigatórios: articulação entre teoria e prática</i>	<i>61</i>
4.2.2 <i>Critérios para a escolha dos estágios</i>	<i>66</i>
4.2.3 <i>Relação do estágio com outras atividades acadêmicas</i>	<i>70</i>
4.3 Integrando algumas informações	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICES.....	85

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender a relevância dos estágios na formação do psicólogo e até que ponto conferem aos alunos uma base sólida para o exercício profissional e contribuem para uma efetiva atuação profissional.

O tema investigado nessa pesquisa, a saber, a importância dos estágios na formação do psicólogo e na preparação para atuação profissional, sustenta-se na minha experiência tanto como supervisora de estágios, por 25 anos, em dois cursos da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, como também coordenadora de estágios, função que exerci por nove anos. Essa experiência, em ambos os lugares, revela não apenas meu interesse pelo estágio, como parte fundamental da formação profissional, mas, igualmente, dá-me condições e material para o trabalho que aqui propus, agora como pesquisadora.

Como coordenadora de estágios da Psicologia, na unidade São Gabriel, participei ativamente da construção e implantação da nova estrutura de estágios, proposta no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) aprovado no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da PUC Minas em 2009 e implantado no primeiro semestre do ano subsequente. Desde então, venho acompanhando o desenvolvimento dos projetos e, agora, esse estudo permitiu uma leitura mais apurada da relevância dos estágios na formação dos estudantes.

Os estágios no curso de Psicologia da PUC Minas ocupam um lugar de destaque na formação de seus alunos, tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo. Quantitativo, no sentido de que cumprem o mínimo de 15% da carga horária do curso, conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em Psicologia. Qualitativo, no sentido de que perpassam toda a formação e não são vistos somente como estágios de aplicação restritos ao último ano do curso, como era comum nos currículos das primeiras décadas da Psicologia. Nesse projeto, os estágios têm início logo no seu primeiro ano, sendo que os três primeiros estágios, chamados básicos, são voltados para a pesquisa e os objetivos citados, no projeto pedagógico, vão ao encontro das diretrizes curriculares quando estas preconizam a construção e desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para a investigação e a produção de conhecimento; demonstram assim, estes estágios, uma clara relação entre pesquisa e conhecimento. Essa é uma grande mudança e o desafio é não dissociar os estágios de pesquisa dos estágios de intervenção, mas sim trazer as competências e habilidades desenvolvidas nos primeiros, para os estágios seguintes, ou seja, para os estágios de intervenção e conseqüentemente, favorecer a atuação profissional como um todo.

Assim sendo, delimitou-se como objetivo geral desta pesquisa: investigar a importância dos estágios obrigatórios na formação dos estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel. Os objetivos específicos foram: analisar documentos normativos nacionais referentes à formação em Psicologia e aos estágios; analisar o projeto pedagógico do curso com vistas a conhecer as perspectivas apresentada acerca dos estágios; verificar de que modo os estágios cursados influenciam as escolhas formativas e profissionais e conhecer as percepções que alunos têm quanto à importância dos estágios na formação em psicologia.

Para serem alcançados esses objetivos, foi realizada pesquisa de campo, utilizando metodologia qualitativa e as estratégias definidas para a coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e o grupo focal. As entrevistas foram realizadas com cinco psicólogas que haviam se formado no curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel nos anos 2011 e 2012 que estavam exercendo a profissão em diferentes áreas, a saber: avaliação psicológica, clínica, educação, trabalho e políticas públicas. As participantes dos grupos focais foram alunas do último ano do curso.

A corrente dissertação está organizada a partir da seguinte estruturação: um capítulo teórico e histórico, que aborda a formação em Psicologia em Psicologia no Brasil, discorrendo sobre a construção das diretrizes curriculares nacionais e o lugar das práticas estágio na formação discente. O capítulo ainda descreve a história do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel – cenário do estudo – caracterizando a construção dos projetos de estágio ao longo do tempo. Na sequência, têm-se um capítulo metodológico, que explica as estratégias adotadas para a produção das informações junto às participantes da investigação, assim como explicita o método utilizado para a análise do que foi coletado. Posteriormente, no quarto capítulo, apresenta-se os resultados da pesquisa, a partir de categorias pensadas com a sistematização das entrevistas e das transcrições dos grupos focais realizados, permitindo vislumbrar o que estudantes e egressos do referido curso de Psicologia dizem a respeito dos estágios em sua trajetória acadêmica e profissional. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seção em que se expõe a síntese das contribuições e limitações do estudo.

2 OS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA DA PUC MINAS SÃO GABRIEL

2.1 Formação em Psicologia no Brasil

Muitos estudos sobre a Psicologia (ANTUNES, 1999; 2006) e especificamente sobre o ensino e a formação em Psicologia (LISBOA; BARBOSA, 2009; SILVA, 2015; BARBOSA, 2007; CRUCES, 2006) apontam que é imprescindível conhecer o desenvolvimento histórico para compreender a construção da Psicologia como ciência e profissão.

Segundo Massimi (1984, 1990), Pessotti (1998) e Antunes (1991), conforme citado por Antunes (2006), pode-se considerar a seguinte periodização para o desenvolvimento histórico da Psicologia: 1. *pré-institucional*, alusivo à produção de ideias psicológicas presentes em obras publicadas durante o período colonial; 2. *institucional*, relativo à produção de ideias psicológicas em instituições criadas ao longo do século XIX; 3. de *autonomização*, ocorre entre a última década do século XIX e as três primeiras décadas do século XX e é marcado pela busca da conquista e do reconhecimento da autonomia da Psicologia como ciência independente; 4. de *consolidação*, caracterizado pela efetivação e desenvolvimento do ensino, da produção de estudos e pesquisas e dos campos de aplicação, assim como o incremento da publicação de obras na área, criação dos primeiros periódicos especializados, promoção de congressos e encontros científicos e criação de associações profissionais; 5. de *profissionalização*, inicia-se a partir da difusão da lei 4119/62, que reconhece a profissão de psicólogo e estabelece os cursos para sua formação e 6. de *ampliação dos campos de atuação do psicólogo e explicitação de seu compromisso social*.

Os períodos iniciais aprofundaram o conhecimento a respeito dos fenômenos e processos psicológicos e foram fundamentais para preparar condições para a autonomia e a profissionalização da Psicologia. Destaca-se a presença do pensamento psicológico no interior da Medicina, particularmente nos laboratórios de Psicologia dentro dos hospícios e nas produções das teses de Doutorado das Faculdades de Medicina que muito versaram sobre temas psicológicos. Outra presença marcante da Psicologia ocorreu no campo da Educação, onde foi encontrado terreno fértil para o seu desenvolvimento, uma vez que as instituições educacionais são campos potenciais de aplicação dos conhecimentos e técnicas da Psicologia (ANTUNES, 1999).

As diversas iniciativas ocorridas no período de consolidação da Psicologia, entre elas, a organização dos profissionais em associações e sociedades; a produção de estudos, de

pesquisas e de diversas obras e também a inserção mais efetiva no ensino foram essenciais para o reconhecimento oficial da Psicologia como ciência e profissão.

Abordarei o tema a partir de 1962, ano da regulamentação da profissão, quando se inicia o período profissional da Psicologia no Brasil, mesmo que alguns cursos já haviam se instalado no país, tais como os cursos da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio), da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), da Universidade de São Paulo (USP) (SILVA, 2015) e da própria Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) em 1959, o primeiro curso criado em Minas Gerais (BOSCHI; MARÇOLLA, 2009).

Em 1962, a conhecida Lei 4.119 aprovada em 27 de agosto dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil, inclusive regulamenta práticas que já estavam sendo exercidas por profissionais que haviam se formado em outros cursos (tais como Pedagogia ou Filosofia) e se especializado em Psicologia, ou psicólogos graduados nos primeiros cursos superiores de Psicologia, criados antes da Lei (SILVA, 2015). A Lei estipula, no Art. 1º, que a formação em Psicologia será feita nas Faculdades de Filosofia, em cursos de bacharelado, licenciado e formação de psicólogo. Os artigos 11 e 12 da referida Lei estabelecem que ao bacharel em Psicologia, é conferido o direito de ensinar Psicologia em cursos de grau médio e ao portador do diploma de licenciado em Psicologia é conferido o direito de lecionar Psicologia. E no Art. 13 é determinado que ao portador do diploma de psicólogo é conferido o direito de ensinar Psicologia nos vários cursos de que trata a mesma lei e a exercer a profissão de Psicólogo. Ademais, “constitui função privativa do Psicólogo a utilização de métodos e técnicas psicológicas com os seguintes objetivos: a) diagnóstico psicológico; b) orientação e seleção profissional; c) orientação psicopedagógica; d) solução de problemas de ajustamento” (BRASIL, 1962a).

Por fim, em seu Art. 16, a Lei 4.119 determina a necessidade de organização de “Serviços Clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho”, abertos ao público, podendo ser gratuitos ou remunerados. Ainda nesse artigo, em parágrafo único, é estabelecido que “os estágios e observações práticas dos alunos poderão ser realizados em outras instituições da localidade”. Tanto os serviços clínicos, quanto os estágios ficam sob orientação, direção e a critério dos professores do curso. (BRASIL, 1962a). Essas exigências possibilitam o vínculo entre a formação em Psicologia e a sociedade a partir da prestação de serviço, além de que ressaltam os campos da clínica, da educação e do trabalho como relevantes para a profissão.

A concepção da Lei 4.119 expressa um caráter generalista, uma vez que o psicólogo sai habilitado a atuar em qualquer área da Psicologia, como também expõe uma concepção de

Psicologia aplicada e conservadora, predominante na época. Os objetivos da utilização de métodos e técnicas psicológicas

vinculam o trabalho em Psicologia a demandas sociais e econômicas específicas do país. Não é difícil relacionar o objetivo de orientação e seleção profissional à necessidade de adequação da força de trabalho diante das demandas de modernização do país. Como também é possível enxergar relação entre o objetivo de orientação psicopedagógica e o vínculo histórico que os conhecimentos psicológicos estabeleceram com a Educação. E, por fim, o objetivo de solucionar problemas de ajustamento, transparece uma expectativa para com a profissão de que esta cumpra papel conservador da ordem e normativo. (SILVA, 2015, p. 52).

Em dezembro do mesmo ano da regulamentação da profissão, o então Conselho Federal de Educação (CFE), atual Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão colegiado integrante do Ministério da Educação, emitiu o parecer nº 403/62, que fixou o currículo mínimo para os cursos de Psicologia. O parecer demonstrava clara preocupação com as características especiais da nova e desconhecida profissão e seu objetivo era

eleva esse curso a um nível de qualificação intelectual e de prestígio social que permita aos seus diplomados exercer os mistérios do trabalho psicológico de modo eficaz e com plena responsabilidade. Para isto, é imperativo que se acentue o caráter científico dos estudos a serem realizados, que só assim há de ser possível assegurar a Psicologia, a posição de relevo que lhe cabe no concerto das chamadas profissões liberais e, pari passu, evitar as improvisações que, do charlatanismo a levariam, fatalmente ao descrédito. (BRASIL, 1962b).

Seguindo o espírito da Lei 4.119, o currículo mínimo para o bacharelado e licenciatura previa sete matérias, divididas em conhecimentos instrumentais e conhecimentos de Psicologia: (1) Fisiologia e (2) Estatística; (3) Psicologia Geral e Experimental, (4) Psicologia do Desenvolvimento, (5) Psicologia da Personalidade, (6) Psicologia Social e (7) Psicopatologia Geral. Para a obtenção do diploma de psicólogo, além das matérias acima, o currículo compreendia mais cinco disciplinas, sendo duas obrigatórias: (8) Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico e (9) Ética Profissional e três optativas, totalizando 12 disciplinas. As três disciplinas optativas deveriam ser escolhidas entre: Psicologia do Excepcional, Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, Pedagogia Terapêutica, Psicologia do Escolar e Problemas de Aprendizagem, Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Seleção e Orientação Profissional e Psicologia da Indústria (BRASIL, 1962b).

Por fim, o parecer estipula a duração mínima para os cursos de Psicologia em quatro anos letivos para formação de bacharel e licenciado e, cinco anos letivos para a formação geral de psicólogo.

De acordo com Bastos (2002), Bernardes (2012), Ferreira Neto (2010) e outros, a concepção do currículo mínimo era centrada em disciplinas e conteúdos programáticos que eram ensinados e transmitidos pelos professores aos alunos sem preocupação de contextualizá-los com a realidade do país. Depois esses conteúdos eram reproduzidos e assimilados para posterior aplicação sem relação entre fenômenos psicológicos e sociais. Assim, a formação era conteudista, tecnicista e fragmentada.

No currículo mínimo, a transmissão de conhecimentos se dá por meio do parcelamento de disciplinas, o estudo é isolado dos problemas e dos processos concretos do contexto social em que se dão, e, por fim, a aprendizagem é realizada por meio do acúmulo de informações. (BERNARDES, 2012).

Com a regulamentação da profissão e o momento político, econômico e social pelo qual passava o país ocorreu a primeira abertura desenfreada de cursos de Psicologia. O crescimento se deu especialmente em instituições privadas decorrente da Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68) implantada pelo governo militar que “apela ao setor privado para a resolução da chamada ‘crise universitária’” (BERNARDES, 2004). Nesse período, também são criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia (Lei 5.766, aprovada em 20 de dezembro de 1971) e o primeiro Código de Ética Profissional. (LISBOA; BARBOSA, 2009; SILVA, 2015).

De acordo com Cruces (2006), Damasceno e outros (2016), Ferreira Neto (2010) e Martins, Matos e Maciel (2009) pode-se verificar, em todo esse período, que a formação exigida através do currículo mínimo deu ênfase à formação nas áreas de clínica, educação e trabalho, muito direcionado para avaliação e mensuração de características individuais e forte privilégio para a clínica, em consultórios particulares, como profissional liberal, enfatizando o atendimento individual, proveniente da adesão ao modelo médico. Tal como descrito por Ferreira Neto (2010):

Desde 1962, embasado até mesmo na própria legislação que regulamentou o ensino e a prática em Psicologia, foram demarcadas três grandes áreas de atuação: a clínica, a escolar e a industrial. Em consequência disso, os cursos de Psicologia passaram a reproduzir na organização de seus currículos disciplinas que contemplassem essas três áreas. Dentre essas áreas de atuação, a clínica estabeleceu-se rapidamente como sendo a mais nobre. Marcou de modo intenso não somente os currículos, como também o imaginário social da figura do psicólogo. Este passou a ser cada vez mais identificado com a condição de clínico. A psicologia clínica tornou-se a área que sempre concentrou maior carga horária curricular nos cursos de graduação e funcionou como equivalente geral do que socialmente se entende como sendo a atividade precípua do psicólogo. (FERREIRA NETO, 2010, p. 132)

A década seguinte é marcada por mobilização e questionamento por parte da comunidade acadêmica e “psi” para as questões políticas e sociais do país e a constatação da incapacidade da Psicologia em promover mudanças sociais. É um período rico de discussões sobre a atuação e ensino da Psicologia e conseqüente aumento das publicações a respeito da formação nas principais revistas de Psicologia (BERNARDES, 2004). É destaque entre as publicações, o livro *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* (CFP, 1988) proveniente do primeiro grande diagnóstico da profissão e da formação do psicólogo no País promovido e editado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Cury e Ferreira Neto (2014) intitulam essa fase de “construindo consensos” e ressaltam a importância da participação do CFP na promoção de diversas atividades que privilegiam o debate sobre as questões relativas à formação e ao exercício da profissão e a busca por formulação de princípios que deveriam nortear os cursos de Psicologia do país. Os autores ao analisarem dois importantes documentos da época concluem que

[...] o conjunto de propostas desenvolvidas nesse período influenciou, de modo decisivo, o cenário do debate sobre a formação, contribuindo para a formalização do desenho final da mudança curricular estrutural, que ocorreu em 2004, com a indução do MEC, promovendo a elaboração de Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. (CURY; FERREIRA NETO, 2014, p. 504).

Em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96), a primeira pós Constituição Federal de 1988, trazendo nova concepção para os cursos superiores, o Ministério da Educação (MEC) instituiu a Comissão de Especialistas em Ensino de Psicologia, com o objetivo de elaborar as diretrizes curriculares em substituição ao currículo mínimo vigente até então. Após um amplo, tenso e rico período de debates foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, através da Resolução CNE/CES nº 8, de 07/05/2004. Essa Resolução foi revogada e reeditada na íntegra em 2011, com alteração apenas do artigo 13 para especificar a formação de professores de Psicologia. Dessa forma, o que vigora hoje é a Resolução CNE/CSE nº 5, de 15/03/2011 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia e as normas para o projeto pedagógico complementar para a formação de professores de Psicologia. (DAMASCENO et al, 2016).

Além da regulamentação das Diretrizes Curriculares Nacionais, outro desdobramento da LDB foi o estabelecimento da avaliação nacional dos cursos de graduação, denominado formalmente como *Exame Nacional de Cursos* (ENC) e conhecido popularmente como *Provão*. Os cursos de graduação em Psicologia passaram a integrar esse sistema de avaliação

em 2000 e participaram do *Provão* por quatro anos consecutivos. Com a mudança de governo, em 2004, houve também alteração do sistema de avaliação dos cursos de graduação que passou a ser denominado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e foi inserido nele o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) que é aplicado a cada triênio e foi aplicado pela primeira vez nos estudantes de Psicologia em 2006 (LISBOA e BARBOSA, 2009).

O Conceito ENADE é um indicador de qualidade que avalia o desempenho dos estudantes a partir dos resultados obtidos no exame e é realizado pelos alunos concluintes do referido ano. O ENADE tem por objetivo avaliar o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação e o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional (INEP, 2017).

De acordo com informações contidas no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2017) referente à educação superior, além do ENADE, o curso também é avaliado através do Conceito Preliminar do Curso (CPC). O CPC é um indicador de qualidade que avalia os cursos superiores e é calculado no ano seguinte ao da realização do ENADE de cada área, com base na avaliação de desempenho de estudantes, no Indicador de Diferença de Desempenho (IDD), corpo docente, infraestrutura, recursos didático-pedagógicos e demais insumos.

Para Ferreira Neto (2004, 2010), Costa e outros (2012), as Diretrizes Curriculares Nacionais configuram um avanço na medida em que o currículo não é mais pensado a partir de um rol de disciplinas que se desdobram em conteúdos fundamentais que devem ser assimilados, mas sim a prioridade passa a ser o desenvolvimento de competências e habilidades, com ênfase nas experiências de produção de conhecimento por meio da associação entre ensino, pesquisa e extensão. As mudanças na legislação promoveram e ainda vem promovendo reformulações profundas nos cursos de graduação em Psicologia. A passagem do enquadramento e da rigidez do currículo mínimo para a flexibilização proposta na nova legislação permite e espera que os cursos inovem e se adaptem às condições institucionais, às necessidades regionais e às transformações sociais apresentando diferentes possibilidades de estruturação e enfoques nos projetos de cursos (YAMAMOTO, 2000; COSTA e outros, 2012).

2.2 Os estágios na formação em Psicologia

Desde a regulamentação da profissão, em 1962, até o período atual houve mudança significativa na concepção dos estágios referentes à formação em Psicologia, a partir das leis e resoluções aprovadas e publicadas nesse período. Leis e resoluções já citadas no item anterior agora serão tratadas especificamente no que diz respeito aos estágios.

Nos documentos do ano de 1962 referentes à regulamentação da profissão e dos cursos de Psicologia (Lei 4.119, Parecer nº 403 e Resolução do CFE), o estágio supervisionado era considerado um período de treinamento prático (BRASIL, 1962b) a ser desenvolvido em situação real complementar à formação teórica. Poderia ser realizado nos serviços clínicos e de aplicação à educação e ao trabalho, organizados pelas instituições de ensino superior ou em outras instituições da localidade, sempre sob supervisão (BRASIL, 1962a). Era considerado essencial à formação dos psicólogos, entendendo que aconteceria no último ano do curso (BRASIL, 1962b) e era específico dessa formação, ou seja, não contemplava o bacharelado e a licenciatura.

O Parecer nº 403 ainda previa 500 horas de estágio supervisionado, indicando que o estágio devia ser desenvolvido em situação real e obedecer à supervisão dos órgãos responsáveis, na medida em que “o trabalho do psicólogo é sempre, no fundo, uma tarefa de educação, ou reeducação que se vale de técnicas próprias cujo domínio é impossível sem o devido treinamento prático” (BRASIL, 1962c).

Entendemos que os documentos reconhecem a importância dos estágios para a formação dos psicólogos, mas apontam também para a ideia de algo que não poderia ser aprendido através da transmissão de conteúdos em sala de aula e sim, através do treinamento prático. Destacam-se ideias tecnicistas que enfatizam o profissional como aplicador de procedimentos e reforçam a Psicologia aplicada como uma ciência experimental com técnicas testáveis e aprendidas por meio do treinamento, conforme debatido por Ferreira Neto (2004), Bernardes (2012), Cury; Ferreira Neto (2014) e Santana e outros (2016).

O modelo do currículo mínimo, além de privilegiar apenas três áreas de atuação do psicólogo, a saber, clínica, educação e trabalho, reforça a separação entre teoria e prática e corrobora a ideia de que a teoria deve preceder a prática, uma vez que os estágios eram todos concentrados no final do curso. Esse padrão de currículo, que já incomodava grande parte dos psicólogos, permaneceu em muitos cursos até o início das mudanças suscitadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Até a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais ocorreu um amplo debate sobre a formação no seu aspecto geral, e também especificamente sobre os estágios. Debates estes que produziram ideias importantes que posteriormente foram incorporadas às DCN. Cury e Ferreira Neto (2014), em um dos poucos estudos existentes a respeito dos estágios na formação em Psicologia, analisaram diversos documentos referentes a esse período e sintetizaram as mudanças sugeridas para os estágios: a) oferta de campos de estágio que contemplassem a prática de variadas concepções em Psicologia; b) manutenção de um sistema de acompanhamento e avaliação continuada dos estágios nos locais onde são desenvolvidos; c) efetiva integração teoria-prática; d) aumento da carga horária de estágios; e) distribuição das atividades práticas durante todo o curso, com níveis gradativos de complexidade e não somente nos períodos finais.

No tocante ao desenvolvimento de competências e habilidades, Ferreira Neto (2004) nos aponta que a partir da discussão para elaboração das novas diretrizes curriculares ocorridas desde 1999 e instituída em 2004, os currículos deveriam deixar de se preocupar apenas com os conteúdos teóricos e se focalizarem com o desenvolvimento de competências e habilidades durante a formação. Para esse autor a nova forma de concepção proposta visa possibilitar que o aluno lide com a produção de conhecimento e não reproduza somente os conteúdos apresentados. Como consequência disso, os estágios não devem ficar restritos ao último ano do curso e sim, devem ter presença desde os primeiros períodos, de modo que as práticas forneçam elementos para a reflexão teórica.

As Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas em 2004 incorporaram muitas dessas ideias, a começar pela definição de estágio supervisionado, como sendo “Práticas integrativas voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências em situações de complexidade variada, representativas do efetivo exercício profissional” (BRASIL, 2004). Conforme indicado por Cury e Ferreira Neto (2014), “esta definição agrega um elemento inovador em relação ao histórico das discussões e documentos anteriores: *integrar* competências, habilidades e conhecimentos em situações de atuação” (p. 507).

Os estágios são citados em diversos artigos, sendo que seis deles são específicos sobre o tema. O primeiro deles, o Art. 20 define os estágios supervisionados como “conjuntos de atividades de formação, programados e diretamente supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora e procuram assegurar a consolidação e articulação das competências estabelecidas” (BRASIL, 2004). Os Art. 21 e 22 estipulam que os estágios supervisionados se distribuam ao longo do curso e devem se estruturar em dois níveis: o básico, que inclui práticas integrativas das competências e habilidades previstas no núcleo

comum; e o específico, que inclui práticas relativas a cada ênfase do curso. Além disso, há determinação para que os estágios perfaçam pelo menos 15% da carga horária total do curso. O Art. 21 ainda determina que os estágios supervisionados devam “assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais” (BRASIL, 2004). O Art. 23 retrata a necessidade de documentar as atividades realizadas de modo a permitir que sejam avaliadas. Os Art. 24 e 25 tratam do local onde os estágios serão realizados, podendo ser na própria instituição de ensino ou em outras instituições desde que “contribuam para o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no projeto de curso” (BRASIL, 2004).

Outra mudança importante para os estágios ocorreu com a promulgação da Lei nº 11.788/2008, conhecida como Lei do Estágio, que dispõe sobre o estágio de estudantes e altera toda a legislação anterior, tornando-se a lei que rege os estágios supervisionados atualmente. Essa Lei considera o estágio como ato educativo, desenvolvido no ambiente de trabalho que visa à preparação para o trabalho, contribuindo para o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e para o desenvolvimento de uma vida cidadã.

A Lei do Estágio considera todos os estágios como curriculares e separa os estágios em obrigatórios e não obrigatórios, ressaltando que ambos são determinados pelas diretrizes curriculares e pelo projeto pedagógico do curso, mesmo que o estágio não obrigatório seja considerado como atividade opcional. Já o estágio obrigatório deve estar definido no projeto do curso, sua carga horária deve atender às exigências determinadas pelas DCN e deverá ser acompanhado e orientado por professor da instituição de ensino através de elaboração de relatórios periódicos. Outro ponto importante é a redução da carga horária máxima semanal de 40 para 30 horas (BRASIL, 2008).

Como prevê a Lei do Estágio e as Diretrizes Curriculares e de acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, que será melhor detalhado a seguir, o estágio deve ser supervisionado por docente do curso. Assim, a supervisão é parte integrante e fundamental do estágio, de forma que os estagiários, conjuntamente com o professor possam refletir sobre a experiência vivida e definir passos e estratégias para o desenvolvimento do trabalho, analisando teoricamente as questões que a situação vivenciada suscita e integrando conhecimentos. Além da orientação direta ao aluno, cabe também ao supervisor o contato com a(s) instituição(ões) onde o estágio será realizado, o planejamento, o acompanhamento e avaliação das atividades desenvolvidas e também a integração com outros projetos de estágio e supervisores. Esses aspectos coincidem com os itens sugeridos por Seixas (2013) para uma análise de projeto pedagógico no âmbito das práticas profissionais;

são eles: os locais em que são realizadas as práticas, o funcionamento dos estágios, os objetivos dos estágios, a relação entre os tipos de estágios e as atividades previstas.

2.3 Caracterização e histórico do curso de Psicologia na PUC Minas São Gabriel

O curso de Psicologia da PUC Minas na Unidade São Gabriel implantado em 2000 foi o sexto curso da região metropolitana de Belo Horizonte e o terceiro da PUC Minas. O tradicional curso do *Campus* Coração Eucarístico já completava 40 anos de funcionamento e o curso de Betim recém começava. Segundo Andrade (2009), no primeiro momento houve um temor de autofagia, mas que depois foi desfeito entendendo que por se localizarem em regiões diferentes, não haveria competição entre eles.

O curso da Unidade São Gabriel foi criado em um momento em que a Universidade expandia o seu crescimento, buscando chegar a outras regiões da cidade de Belo Horizonte, para atender à população das regiões Nordeste, Norte e Leste, como também de municípios vizinhos, como Sabará, Santa Luzia, Caeté, Lagoa Santa e outros. Como apontam Andrade (2009), Fensterseifer e outros (2013), muitos desses alunos são provenientes dessas regiões, são trabalhadores e também os primeiros de suas famílias a conseguir acesso ao ensino superior, com a expectativa de mobilidade social e melhor inserção no mercado de trabalho.

O corpo docente foi, na sua maioria, formado por novatos na instituição e também em idade e com um perfil muito diferente dos antigos cursos da Universidade, uma vez que trazia muito forte em sua formação a influência da pós-graduação, ou seja, a experiência acadêmica e de pesquisa, que com certeza, tem grande relação com a trajetória do curso.

Entre as características que marcam a história da Psicologia na PUC Minas São Gabriel, há que se destacar a forte vinculação à pesquisa e à extensão, a busca contumaz de estabelecimento de laços interinstitucionais, e o arejamento constante de suas balizas pedagógicas. Trata-se de um curso que não teme reinventar-se, que sempre se apraz em se transformar em busca de novas trilhas. (FENSTERSEIFER et al., 2013, p.11).

Um curso novo para uma população diferente, tanto discente quanto docente, exigiria um novo Projeto Pedagógico. O curso foi implantado com o Projeto Pedagógico construído para o curso de Betim, que já era inovador, mas logo sofreu adaptações. Como também já era sabido que em breve haveria alteração maior, pois estava em fase de elaboração um Projeto Pedagógico único a ser implantado nos três cursos da PUC Minas – Coração Eucarístico, Betim e São Gabriel, buscando uma identidade para o então Instituto de Psicologia, hoje Faculdade de Psicologia (FAPSI) e também vislumbrando as mudanças que estavam por vir

com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia que estavam em processo de discussão e que viriam a ser aprovadas em 2004. Esse projeto em conjunto com o curso do Coração Eucarístico foi implantado e perdurou até o final de 2009, quando foi aprovado no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da PUC Minas um novo Projeto Pedagógico apenas para o curso do São Gabriel.

Ao se delinear esse novo projeto, o curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel buscava, à ocasião, fazer frente a dois desafios. O primeiro relacionava-se à necessidade de adequar a grade até então excessivamente robusta e onerosa, não só dirimindo repetições de conteúdos, mas também corrigindo um modelo que, em alguns tocantes, mergulhava-se em desdobramentos temáticos não pertinentes a uma formação generalista - marca precípua de um curso de graduação no entendimento do seu corpo docente. O segundo voltava-se para a busca por uma organização de ênfases que lograsse maior clareza identitária e, por consequência, oportunizasse ao alunado uma proposta formativa mais coesa e capaz de acompanhar as transformações que marcam a atuação no campo da Psicologia.

Para a construção do Projeto Pedagógico de 2009 foi constituída uma comissão de professores que trabalhou em conjunto com o corpo docente de forma que a mudança fosse fruto de um trabalho coletivo, característica forte desse grupo de professores. Proposta possível nesse contexto uma vez que havia o investimento e o envolvimento de grande parte dos professores na busca por um curso inovador, mais atual e afinado com as Diretrizes Curriculares, fundamentadas em competências e habilidades e instituídas em 2004. Assim, era evidente para a comissão e muitos professores de que não bastava apenas uma reperiodização de disciplinas e mudança de ementas, mas sim uma mudança no fazer acadêmico que exigiria transformação de algumas rotinas e posturas presentes no Curso, conforme escrito pelos membros do Colegiado da época e publicado no livro referente à história da primeira década do Curso.

A construção dessa nova proposta curricular introduziu mudanças na maneira como tem sido pensada a formação em Psicologia, deslocando o eixo do curso da transmissão de conteúdos pré-definidos para a produção de saberes e fazeres, tornando a interação entre práticas de estágio e atividades de sala de aula uma condição imprescindível para sua operacionalização. Daí, também, o investimento que foi feito no que diz respeito à organização e gestão dos estágios obrigatórios do curso. Esse novo currículo teve como principal norteador a transversalidade, propiciando uma associação entre práticas e conceitos, e visando à construção de habilidades e competências para o exercício da profissão de psicólogo, em consonância com o que propugnavam as novas diretrizes para essa área. (FENSTERSEIFER et al., 2013, p. 12).

Os estágios obrigatórios nos cursos de Psicologia da PUC Minas sempre ganharam destaque e propostas inovadoras, visto que, de acordo com Silva (1993) e Jorge e outros (2009) na reformulação curricular implantada em 1988 no curso do Coração Eucarístico, os estágios passaram a ser localizados a partir do 5º período e o rol de atividades de estágio foi substancialmente modificado vislumbrando a possibilidade de atuação do psicólogo em questões diversas da sociedade e não somente nas tradicionais áreas de atuação existentes, a saber, clínica, escolar e organizacional. Era um modelo completamente diferente do vigente na época em que os estágios praticamente eram concentrados no último ano na grande maioria dos cursos de Psicologia do país.

Todos os projetos pedagógicos do curso do São Gabriel, desde 2000, seguindo a mesma direção do curso “matriz”, traziam uma novidade maior ainda com relação aos estágios obrigatórios. Os estágios começavam no segundo período do curso com os estágios voltados para a pesquisa e gradualmente eram inseridos os projetos de intervenção em diferentes áreas da Psicologia.

Conforme descrito no Projeto Pedagógico de 2009, as disciplinas de estágio, que deverão ser cumpridas obrigatoriamente pelos alunos, foram agrupadas em três níveis: nível básico (2º ao 4º período), nível intermediário (5º e 6º períodos), ambos no Núcleo Comum e nível profissionalizante (7º ao 10º período) nas Ênfases. A carga horária semestral dos estágios básico e intermediário é de 55 horas e dos estágios profissionalizantes é de 62 horas, sendo que em todos os níveis a carga horária relativa à supervisão é de 17 horas. A supervisão ocorre em pequenos grupos de 6 (seis) alunos nos Estágios Práticas Investigativas e de 5 (cinco) alunos nos outros estágios e em todos os casos é acompanhada por um professor-supervisor responsável pela disciplina. A distribuição diferenciada de alunos por grupo é justificada pela diferença dos objetivos e das atividades propostas e a complexidade no desenvolvimento das práticas de estágio.

No Núcleo Comum, o estágio visa preparar o aluno para intervenções posteriores, de caráter profissional, mas que constituem, em si, algum tipo de intervenção. As atividades iniciais incluem o contato com o campo profissional e a realização de projetos de pesquisa e de extensão.

No nível profissionalizante, ou seja, nas ênfases, são ofertados vários estágios de intervenções e práticas psicológicas em campos e contextos diversos, com exigência de conhecimentos avançados de Psicologia onde o aluno realizará atividades relacionadas à avaliação, prevenção, terapêutica e assessoria.

As atividades de estágio, além de serem organizadas em nível de complexidade crescente, atendem sempre aos princípios de constituírem-se em oportunidade de integração entre teoria e prática; de possibilitarem o contato com as diversas formas de intervenção do psicólogo no campo profissional; de permitirem tanto o trabalho interdisciplinar quanto a cooperação multiprofissional; de estimularem o espírito investigativo e a reflexão contínua sobre os efeitos da atuação do psicólogo; de tornarem-se momentos privilegiados de formação profissional, no sentido do desenvolvimento de competências e habilidades, mas também de cultivo da ética e da visão de que a Psicologia está a serviço da dimensão da cidadania.

Essa organização, como também os objetivos e as atividades previstas em cada nível são apresentadas no Projeto Pedagógico (2009) conforme os quadros a seguir:

Quadro 1 – Organização dos estágios no Núcleo comum

NÍVEL	PERÍODOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES PREVISTAS
B Á S I C O	2º, 3º e 4º	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver atitude crítica e ética em relação às diversas práticas profissionais. • Introduzir o aluno na produção de conhecimento científico. • Desenvolver habilidade para ler, interpretar e redigir textos científicos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo e comparação dos diversos campos da Psicologia e modos de atuação do psicólogo. • Mapeamento do campo profissional do psicólogo. • Elaboração de banco de dados. • Realização de pesquisa bibliográfica. • Redação de pequeno artigo científico. • Elaboração e execução de projetos de pesquisa para identificação de demandas e necessidades psicossociais.
I N T E R M E D I Á R I O	5º e 6º	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a habilidade de identificar e caracterizar situações que possam ser tratadas pela Psicologia. • Desenvolver a habilidade de questionar, problematizar e interpretar a realidade. • Desenvolver habilidade de realizar pesquisas. • Desenvolver habilidade de planejar, executar e avaliar intervenções. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de atividades básicas da prática profissional: entrevistas, avaliação psicológica de crianças, orientação de pais e professores. • Construção de instrumentos psicológicos. • Oficinas psicossociais. • Intervenção psicológica em instituições de saúde. • Intervenção psicossociológica em instituições e comunidades. • Acompanhamento terapêutico. • Intervenções com dependentes de drogas e familiares. • Levantamento de necessidades de intervenção em organizações e instituições.

Fonte: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2009.

Quadro 2 – Organização dos estágios na Ênfase em Gestão, Processos de Subjetivação e Instituições

NÍVEL	PERÍODOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES PREVISTAS
P R O F I S S I O N A L I Z A N T E	7º, 8º, 9º e 10º	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidade de escuta psicológica. • Desenvolver atitude ética no manejo do atendimento clínico. • Desenvolver competências e habilidades para planejar, executar, avaliar e aprimorar intervenções do domínio da Psicologia, de acordo com necessidades e demandas identificadas, em pessoas, grupos, organizações e instituições, no âmbito da ênfase e de acordo com referencial teórico explicitado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas de intervenção psicológica com crianças, adolescentes, adultos e idosos. • Acompanhamento terapêutico. • Intervenção psicossocial comunitária • Intervenção psicossocial em educação • Intervenção psicossocial em instituições sociais • Intervenção psicossocial em organizações • Intervenção psicológica em instituições de saúde. • Assessoria psicológica a empresas e organizações. • Saúde pública. • Intervenção psicológica na área de Recursos Humanos. • Avaliação psicológica e aconselhamento na área de saúde ocupacional. • Treinamento, desenvolvimento e acompanhamento de pessoal.

Fonte: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2009.

Quadro 3 – Organização dos estágios na Ênfase em Cuidado, Processos Psicossociais e Saúde

NÍVEL	PERÍODOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES PREVISTAS
P R O F I S S I O N A L I Z A N T E	7º, 8º, 9º e 10º	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidade de escuta psicológica. • Desenvolver atitude ética no manejo do atendimento clínico. • Desenvolver competências e habilidades para planejar, executar, avaliar e aprimorar intervenções do domínio da Psicologia, de acordo com necessidades e demandas identificadas, em pessoas, grupos, organizações e instituições, no âmbito da ênfase e de acordo com referencial teórico explicitado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Psicodiagnóstico de crianças, adolescentes, adultos e idosos. • Psicoterapia de crianças, adolescentes, adultos, idosos e família. • Psicoterapia de pessoas com necessidades especiais. • Intervenção psicológica em instituições de saúde. • Intervenção psicológica com pacientes de instituições de saúde mental. • Intervenção psicológica em instituições educativas. • Intervenção psicológica em hospitais gerais • Intervenção psicológica em instituições de saúde pública. • Intervenções com dependentes de drogas e familiares. • Orientação profissional

Fonte: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2009.

Nessa proposta, houve um grande investimento na reorganização e gestão dos estágios, possibilitando maior flexibilização da trajetória do aluno. Cada projeto de estágio passou a ser organizado em disciplinas de estágio, permitindo ao aluno cursar os estágios de períodos variados, em qualquer tempo, desde que sejam respeitados os requisitos de cada projeto e, além disso, nas ênfases, possibilitou a permanência do aluno por mais de um

semestre em alguns estágios de forma que pudesse dar continuidade e aprofundamento nas intervenções propostas e nas questões suscitadas na prática do exercício profissional. Para que isso possa ocorrer, vários estágios passaram a ser ofertados em mais de um período, como por exemplo, Intervenções em educação, Intervenções psicossociológicas em gestão de pessoas, Psicologia e mediação de conflitos e Psicologia e políticas públicas na ênfase Gestão, processos de subjetivação e instituições (GPSI) e Clínica comportamental, Clínica existencial-humanista, Clínica psicanalítica, Clínica sistêmica, Psicologia hospitalar e Saúde mental na ênfase Cuidado, processos psicossociais e saúde (CPPS).

Além das mudanças ocorridas nos estágios, nesse projeto, como apontado pelo Colegiado que acompanhou sua implantação, outros pontos podem ser destacados: a) um núcleo comum que se estende do primeiro ao décimo período, evitando a completa divisão dos alunos para a vivência das ênfases, que tende a se concentrar nos períodos finais do curso; b) a criação de ênfases transversais em relação às diversas práticas e áreas de atuação do psicólogo baseadas nas noções de “Cuidado, processos psicossociais e saúde” e “Gestão, processos de subjetivação e instituições” e compostas por estágios e por uma disciplina integradora e agregadora das discussões - os Seminários Temáticos de Integração, saindo do modelo tradicional de ênfases por área de atuação, como Psicologia Social, Psicologia Clínica, Avaliação Psicológica, Psicologia do Trabalho/Organizacional, Psicologia Educacional, entre outras; c) uma disciplina de temática variável – Temas Contemporâneos em Psicologia, localizada no fim do curso, que busca abarcar a diversidade e a atualidade das discussões da área; d) a incorporação das Atividades Complementares de Graduação (ACGs) ao currículo dos discentes, tais como disciplinas em outros cursos, atividades de monitoria, iniciação científica, extensão, estágios não obrigatórios, organização e/ou participação em eventos científicos, minicursos, grupos de estudo sob a supervisão de professor, publicação de artigo e outros, valorizando as diversas experiências vivenciadas pelos alunos; e) a oficialização de uma disciplina preparatória para a monografia – Pró-monografia: estudos temáticos e metodológicos, agregando qualidade aos trabalhos de conclusão de curso dos discentes.

As ênfases propostas no Projeto Pedagógico apontam para a transversalidade em relação às diversas práticas e áreas de atuação do psicólogo. A ideia da proposta é que cada ênfase apareça em maior ou menor proporção em cada disciplina e prática de estágio, buscando romper com as segmentações presentes na Psicologia e apostando em uma formação de cunho generalista e integrado. Dessa forma, as áreas atualmente mais estabelecidas, como a da Psicologia Social, da Psicologia Clínica, da Avaliação Psicológica,

da Psicologia do Trabalho/Organizacional e da Psicologia Educacional, entre outras, devem contribuir conjuntamente para formar um espectro plural de competências e habilidades, para a futura atuação dos alunos em diversos campos de trabalho (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2009).

No segundo semestre do mesmo ano em que iniciou a implantação do novo Projeto, o Colegiado e todo o corpo docente foram surpreendidos com a decisão das instâncias superiores da Universidade em “anualizar” o curso. Essa decisão foi tomada devido à queda vertiginosa no número de ingressantes a cada semestre e que já tinha sido considerada como justificativa para a alteração curricular recém-ocorrida. Isso significou que apesar de manter duas entradas via vestibular, no 1º e 2º semestre, a oferta das disciplinas ocorreria apenas uma vez por ano, ou seja, os períodos ímpares são ofertados apenas no 1º semestre e os períodos pares no 2º semestre. Assim, devido aos pré-requisitos existentes entre algumas disciplinas, o novo currículo sofreu pequenos ajustes antes mesmo de ser totalmente implantado.

A “anualização” continua em vigor e foi eficaz no objetivo de manter maior número de alunos em sala de aula, uma vez que as turmas são unidas em função dos blocos de disciplinas em oferta em determinado semestre. De um modo geral, o curso se adaptou à oferta anualizada das disciplinas, sem prejuízo para o Projeto.

Atualmente, mesmo mantendo os princípios básicos do Projeto Pedagógico de 2009, há um novo currículo em vigor, isto é, o quarto currículo em um período de dezesseis anos de existência. Essa alteração curricular foi solicitada pela Faculdade de Psicologia com o objetivo de unificar os cinco primeiros períodos dos cursos de Psicologia das unidades de Betim, Coração Eucarístico e São Gabriel e conseqüentemente gerou desdobramentos em toda a grade curricular do curso de Psicologia do São Gabriel. Aproveitou-se essa mudança para se fazer adequações necessárias percebidas no percurso de implantação desse currículo pela Comissão de Implantação do Currículo, constituída em 2010 e hoje nomeada como Núcleo Docente Estruturante (NDE). Uma das mudanças ocorridas diz respeito às ênfases curriculares que passaram de dois para apenas um ano e foi criada uma disciplina teórica para cada ênfase. Quanto aos estágios, a nova versão do currículo manteve a organização em três níveis, mas foi retirada uma disciplina de estágio obrigatório do meio do curso, passando a totalizar treze estágios que ficaram assim distribuídos: três estágios de práticas investigativas; seis estágios de intervenção do núcleo comum e quatro estágios de ênfase no último ano do curso.

Os Estágios Práticas Investigativas I, II e III, estão alocados respectivamente no 2º, no 3º e no 4º período do curso. Esse grupo de estágios visa desenvolver atitude crítica e ética em

relação às diversas práticas profissionais; introduzir o aluno na produção de conhecimento científico e desenvolver habilidade para ler, interpretar e redigir textos científicos. No estágio Práticas Investigativas I os estudantes visitam campos de atuação profissional da Psicologia para conhecerem e compararem os diversos campos da Psicologia e os modos de atuação do psicólogo, como também para mapeamento desses campos. Já no Práticas II, os discentes constroem a partir de um tema de interesse do grupo um projeto de pesquisa que será executado no estágio Práticas Investigativas III.

Os Estágios I, II, alocados no 5º e 6º períodos respectivamente; os Estágios III e IV, alocados no 7º período e os Estágios V e VI, alocados no 8º período, preveem intervenções e práticas psicológicas em campos e contextos diversos, com exigência de conhecimentos de Psicologia.

Por fim, os quatro estágios de ênfase, alocados no 9º e 10º períodos, propõem intervenções e práticas psicológicas com exigência de conhecimentos avançados de Psicologia, em campos e contextos caracterizados pelo cuidado na ênfase Cuidado, processos psicossociais e saúde e pela gestão na ênfase Gestão, processos de subjetivação e instituições.

Os quadros a seguir apresentam os projetos de estágio ofertados no 1º semestre de 2017. O primeiro quadro faz referência aos estágios do novo currículo que está implantado até o 6º período e o segundo quadro, relativo ao currículo anterior, mas também em vigor, abarca os estágios do 7º ao 10º períodos, ou seja, os estágios profissionalizantes das duas ênfases. É importante ressaltar que os dois currículos são ofertados concomitantemente. No 1º semestre de 2017, o novo currículo está implantado do 1º ao 6º período e do 7º período até o 10º período ainda prevalece o currículo anterior, ou seja, as ênfases com duração de 2 (dois) anos.

**Quadro 4 – Oferta de estágios do currículo 8511 do curso de Psicologia da PUC Minas -
São Gabriel no 1º semestre de 2017**

NÍVEL	PERÍODO	DISCIPLINA	PROJETOS
Práticas Investigativas	2º	Práticas Investigativas I	<ul style="list-style-type: none"> • Visita a campos profissionais
	3º	Práticas Investigativas II	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de projeto de pesquisa
	4º	Práticas Investigativas III	<ul style="list-style-type: none"> • Execução do projeto de pesquisa
Intervenção do Núcleo Comum	5º	Estágio I	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e estimulação cognitiva • Construção e validação de instrumentos psicológicos • Entrevista • Oficinas psicossociais • Práticas em psicologia educacional • Práticas psicomotoras • Psicologia e saúde coletiva • Psicologia social-comunitária
	6º	Estágio II	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento psicológico ambulatorial • Avaliação e estimulação cognitiva • Construção de caso clínico • Intervenções com idosos • Observação de atendimento clínico • Práticas de avaliação da personalidade • Psicologia e saúde coletiva

Fonte: elaborado pela autora.

**Quadro 5 – Oferta de estágios do currículo 8510 do curso de Psicologia da PUC Minas -
São Gabriel no 1º semestre de 2017**

NÍVEL	PERÍODO	DISCIPLINAS	PROJETOS
Profissionalizante	7º	Estágios I e II Ênfase GPSI	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação psicológica • Avaliação psicológica na área de segurança • Intervenção psicossocial em educação • Intervenções em Psicologia do Trabalho • Intervenções psicossociológicas em gestão de pessoas • Jogos organizacionais • Políticas públicas de saúde • Psicologia e mediação de conflitos • Psicologia e políticas públicas
		Estágios I e II Ênfase CPPS	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica com crianças • Clínica psicanalítica • Diagnóstico das relações familiares • Entrevista clínica da psicose • Plantão psicológico • Saúde mental • Treinamento de pais e cuidadores
	8º	Estágios III e IV Ênfase GPSI	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de estratégias nos processos de gestão escolar • Intervenção psicossocial em educação • Intervenções em educação • Intervenções psicossociológicas em gestão de pessoas • Políticas públicas de saúde • Políticas públicas: álcool e outras drogas • Políticas públicas: violência de gênero • Psicologia e mediação de conflitos • Psicologia e políticas públicas
		Estágios III e IV Ênfase CPPS	<ul style="list-style-type: none"> • Atendimento clínico de grupos de adolescentes • Clínica com crianças • Clínica comportamental • Clínica existencial • Clínica psicanalítica • Clínica sistêmica • Orientação profissional • Psicodiagnóstico infanto-juvenil • Psicologia hospitalar • Saúde mental
	9º	Estágios V e VI Ênfase GPSI	<ul style="list-style-type: none"> • Intervenção psicossocial em educação • Intervenções em educação • Orientação de carreiras • Psicologia do trabalho e saúde pública • Psicologia e mediação de conflitos • Psicologia e políticas públicas • Psicologia jurídica
		Estágios V e VI Ênfase CPPS	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento psicomotor • Clínica com crianças • Clínica comportamental • Clínica existencial • Clínica psicanalítica • Clínica sistêmica • Psicodiagnóstico de adulto • Saúde mental

			<ul style="list-style-type: none"> • Saúde Pública
	10º	Estágios VII e VIII Ênfase GPSI	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação de carreiras • Pesquisa em saúde mental e trabalho • Políticas públicas: violência de gênero • Psicologia e políticas públicas
		Estágios VII e VIII Ênfase CPPS	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento psicomotor • Clínica comportamental • Clínica existencial • Clínica psicanalítica • Clínica sistêmica • Intervenções psicoeducativas • Psicodiagnóstico de adulto • Psicologia e inclusão • Saúde mental

Fonte: elaborado pela autora.

Os projetos de estágios listados nos quadros acima surgem de demandas ao curso feitas pela própria Universidade ou por instituições externas ou por proposições de professores a partir de seu interesse e afinidade pela temática e/ou em decorrência de disciplinas que lecionam, de pesquisas e projetos de extensão em andamento ou já finalizados. As ofertas também estão sujeitas ao número de alunos matriculados em um determinado semestre e conseqüentemente a possibilidade ou não de abertura e/ou manutenção de grupos de estágio. A oferta de estágios nos dois turnos é muito semelhante, entretanto há alguns projetos que ora são ofertados no turno da manhã, ora no turno da noite e também há alguns projetos que constantemente são ofertados em apenas um turno devido à disponibilidade do professor.

Como já abordado no item anterior, os cursos de graduação são avaliados a cada triênio, sendo que a Psicologia participa dessa avaliação desde 2006. Em março de 2017, o INEP disponibilizou o resultado dos indicadores de qualidade do ensino superior de 2015. O curso obteve conceito 4 no Conceito Preliminar do Curso (CPC) e conceito 3 no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (INEP, 2017).

O conceito 3 no ENADE, o mesmo do triênio anterior, mostra que muito ainda há por fazer tanto no que diz respeito ao conhecimento específico, quanto à formação geral. No último aspecto, ou seja, no exame que avalia o conhecimento relativo à formação geral, os concluintes obtiveram a nota mais baixa entre os cinco cursos da PUC Minas.

Entretanto, o inédito conceito 4 (quatro) foi comemorado por toda a comunidade acadêmica, pois retrata os avanços alcançados pelo curso nesses quinze anos de existência e que em alguma medida as iniciativas e os esforços dos colegiados e corpo docente em prol de um curso de qualidade estão valendo a pena. Podemos destacar no CPC, a nota obtida pelo

corpo docente, tanto no que se refere ao número de professores doutores e mestres, quanto ao regime de trabalho.

3 METODOLOGIA

Para investigar a importância dos estágios obrigatórios na formação dos estudantes do curso de Psicologia foi realizada pesquisa de campo, utilizando metodologia qualitativa. A investigação qualitativa permite obter informações acerca de como as pessoas pensam e quais são seus sentimentos circundantes, portanto tais investigações possibilitam indagações que visam compreender e interpretar melhor as atitudes, crenças, motivos e comportamentos relativos ao tema e ao público alvo da pesquisa (MINAYO, 2008).

A corrente dissertação constitui-se como uma pesquisa descritiva (GIL, 2002), que é aquela que observa, registra e analisa fatos e fenômenos, aqui operacionalizada através de estudo de campo, procurando, portanto, aprofundar o conhecimento acerca de uma realidade específica. “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53). Esses procedimentos podem ser conjugados com muitos outros. Assim, as estratégias utilizadas para a coleta de dados nesta investigação foram a *entrevista semiestruturada* e o *grupo focal*. Posteriormente, os dados gerados foram tratados através da *análise de conteúdo* (BARDIN, 1977/2011).

As entrevistas foram realizadas pela responsável pela pesquisa e os grupos focais foram conduzidos pela pesquisadora e por um observador. As duas estratégias de coleta de dados seguiram roteiros previamente elaborados (apêndices).

A opção pela entrevista semiestruturada deu-se em função desta proporcionar ao entrevistador melhor entendimento e captação da perspectiva dos entrevistados, preservando, por meio de auxílio do roteiro, os objetivos do estudo, ao mesmo tempo em que permite certa liberdade/flexibilidade, uma vez que outras perguntas e esclarecimentos podem ser feitos, para além do que foi definido *a priori*. Combina, portanto, “perguntas fechadas e abertas” (MINAYO, 2002, p. 64).

O grupo focal se constitui essencialmente como um procedimento de coleta de dados através de uma atividade coletiva. É uma técnica muito útil que possibilita ouvir várias pessoas ao mesmo tempo e compreender, através da dinâmica interacional produzida, as ideias, sentimentos, representações, valores e experiências do grupo acerca de um determinado tema (KIND, 2004; GATTI, 2005). Dentre as várias vantagens dos grupos focais destaca-se a interação grupal – que fomenta, entre os participantes, respostas mais ricas permitindo a construção de ideias novas e originais; a observação – através da qual o pesquisador pode observar, diretamente, comportamentos, linguagens e percepções do grupo;

e finalmente, os custos e o tempo – que, sendo fatores de menor relevância não podem, no entanto, ser desconsiderados pois os grupos requerem menos tempo e, em geral, são menos dispendiosos que as entrevistas individuais. Essas, dentre outras questões justificam a utilização do grupo focal para realização da pesquisa proposta. A técnica de grupos focais “encontra-se fundamentada na tradição do trabalho com grupos, na sociologia e na psicologia social crítica” (KIND, 2004, p. 126). A coleta de dados é feita a partir da discussão coletiva de questões apresentadas pelo pesquisador/moderador a partir de um guia de temas (roteiro ou temário) elaborado *a priori*, de acordo com os objetivos do estudo.

Foram consideradas as exigências éticas para realização de pesquisa com seres humanos, ou seja, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas e aprovado sob o número CAAE 56239116.0.0000.5137, em 20 de junho de 2016. Os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo mantido o sigilo acerca dos envolvidos na pesquisa. Desse modo, adotou-se como medida para se preservar as identidades das participantes ao longo do texto a substituição do nome das mesmas por códigos que indicam as informantes como participantes das entrevistas ou dos grupos focais. No caso das entrevistas, como elas foram realizadas com profissionais já formadas, isto é, ex-estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel, que vivenciaram os estágios e hoje estão no mercado de trabalho atuando, as participantes são então identificadas como “Psicóloga 1”, “Psicóloga 2”, assim por diante. Já no caso dos grupos focais, priorizou-se a participação de atuais discentes, e em alusão a isto as informantes são identificadas como “Estudante 1”, “Estudante 2”, sucessivamente.

Ao todo, foram realizadas cinco entrevistas com profissionais distintas, além de dois grupos focais aos quais participaram cinco graduandas, sendo três no primeiro e duas no segundo.

Sobre os critérios e procedimentos de recrutamento e escolha das participantes, no caso das entrevistas, pensou-se em contemplar ex-alunos do curso que tenham mais de um ano de formados e que passaram pela experiência de estágios proposta no Projeto Pedagógico, objeto desta pesquisa e que estejam atuando em áreas diversas da Psicologia: avaliação psicológica, clínica, educação, trabalho e políticas públicas. A pesquisadora solicitou aos seus colegas professores de diferentes áreas, que indicassem ex-alunos que atualmente estivessem atuando como psicólogos para participarem da pesquisa. A partir dessas indicações, o contato foi realizado através de e-mail e/ou *messenger*, primeiramente com cinco psicólogas atuando em diferentes áreas. Apenas uma psicóloga não respondeu, sendo necessário o contato com outra psicóloga da mesma área.

Já para a realização dos grupos focais contava-se com a participação de alunos do último ano do curso (9º e 10º períodos), sendo um grupo formado por alunos do turno da manhã e outro com alunos do turno da noite. A ideia inicial era que cada grupo fosse composto por aproximadamente cinco pessoas, indicados por professores supervisores de estágio, para relatar suas experiências no tocante à vivência nos estágios obrigatórios durante o curso. Foram levantadas duas listas – um para cada turno – com os nomes dos alunos que tinham interesse em participar do estudo. Onze alunos se interessaram, se dispuseram a participar da pesquisa e informaram suas disponibilidades. A partir dessas disponibilidades foram organizados dois horários que atendessem a todos, contudo, na execução da prática, em um grupo participaram apenas duas estudantes e no outro três. Cabe a partir dessas informações salientar que o corpo de sujeitos que efetivamente participaram do estudo é exclusivamente formado por mulheres, apesar desse não ser um recorte proposto pelo estudo. Por fim, conseguiu-se somente a presença de estudantes do último (10º) período da graduação.

Segue, na sequência, apresentação-síntese das participantes da pesquisa:

Quadro 6 – Síntese do perfil das entrevistadas

ENTREVISTADA	IDADE	FORMATURA	EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIOS DESTACADAS	ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL
Psicóloga 1	26	2ºS/2012	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica comportamental; • Clínica psicanalítica; • Prática de PMK; • Psicodiagnóstico adulto; • Psicodiagnóstico infantil; • Saúde mental. 	Avaliação psicológica
Psicóloga 2	28	2ºS/2011	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento psicológico ambulatorial; • Avaliação de adolescentes para o mundo do trabalho; • Clínica comportamental; • Estimulação cognitiva; • Intervenções psicopedagógicas; • Intervenções psicossociais em Educação; • Psicodiagnóstico infantil. 	Clínica / Psicopedagogia (aprendizagem e psicoterapia comportamental de criança e adolescente)
Psicóloga 3	26	2ºS/2012	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e estimulação cognitiva. • Intervenções psicossociais em Educação; • Políticas públicas: álcool e outras drogas; • Psicologia e políticas públicas; • Psicologia social-comunitária. 	Psicologia Social / Políticas Públicas (SUAS/CREAS)
Psicóloga 4	28	2ºS/2012	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento psicológico ambulatorial; • Avaliação e estimulação cognitiva; • Clínica Psicanalítica; • Prática de PMK. • Psicologia hospitalar – abordagem psicanalítica; • Saúde mental. 	Clínica e hospitalar
Psicóloga 5	28	1ºS/2012	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica do Trabalho: abordagem Psicodinâmica do Trabalho • Clínica existencial; • Intervenções psicossociológicas em gestão de pessoas • Jogos organizacionais • Orientação Profissional; • Psicologia e políticas públicas. • Saúde mental e trabalho; 	Recursos humanos e COACH

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 7 – Síntese das participantes dos grupos focais

PARTICIPANTE	IDADE	PERÍODO	EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIOS DESTACADAS	ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL PRETENDIDA
Estudante 1	28	10º	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica Psicanalítica; • Entrevista; • Políticas públicas: violência de gênero 	Psicanálise, Psicologia Social
Estudante 2	22	10º	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica Comportamental; • Clínica Humanista; • Clínica Psicanalítica • Saúde Mental; 	Saúde Mental, Clínica
Estudante 3	24	10º	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica Humanista; • Práticas investigativas; • Psicodiagnóstico adulto; • Psicologia Comunitária; • Saúde Mental; 	Psicologia Social, Clínica. Saúde Mental
Estudante 4	30	10º	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação e estimulação cognitiva; • Clínica Psicanalítica; • Entrevista; • Intervenção psicossociologia na área de Gestão; • Intervenções em Psicologia do Trabalho I; • Psicodiagnóstico adulto; • Psicologia Hospitalar I; 	Clínica, Avaliação psicológica
Estudante 5	29	10º	<ul style="list-style-type: none"> • Clínica Humanista; • Clínica Psicanalítica; • Entrevista clínica da psicose I • Psicologia Hospitalar I • Saúde Mental; 	Clínica, Saúde Mental

Fonte: elaborado pela autora.

A escolha dessas modalidades de coleta de dados colocou face a face documentos e experiências que ofereceram uma visibilidade do que se passa entre o proposto e o que se concretiza na prática, favorecendo a análise do processo de formação vivenciado.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977/2011), é um conjunto de técnicas que “pretende tomar em consideração a totalidade de um ‘texto’, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (p. 42). O método visa, através da descrição do conteúdo das mensagens e de procedimentos sistemáticos, obter indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam fazer inferências acerca do material analisado.

As comunicações coletadas a partir das entrevistas e dos grupos focais foram transcritas, e o material proveniente desse processo foi lido – leitura flutuante – com o intuito de se estabelecer unidades de análise através de recortes semânticos (temas). Utiliza-se, deste modo, a técnica da “análise categórica temática” (BARDIN, 1977/2011, p. 52) de orientação

qualitativa. Isso quer dizer que na análise realizada na corrente pesquisa não se tomou como foco a contagem, a intensidade e a frequência (análise de conteúdo quantitativa) de determinadas informações nas comunicações produzidas, mas sim a presença/ausência de significados incrustados em um grupo de palavras. Esta primeira etapa, a pré-análise, “corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 1977/2011, p. 127). Leva em consideração, então, os objetivos e as hipóteses do estudo.

Na sequência, o material recebeu uma série de novas e agora exaustivas leituras com o objetivo de agregar em torno das categorias criadas elementos/unidades de registro (subcategorias) que expressam os conteúdos que emergiram no diálogo da pesquisadora com os informantes. Trata-se da fase nomeada por Bardin (1977/2011) de “exploração do material” (p. 131).

Sendo assim, na corrente pesquisa, elencou-se três temas a serem abordados como categorias de análise, a saber: 1) *Importância dos estágios obrigatórios* – que diz respeito ao modo como as participantes do estudo compreendem a função dos estágios obrigatórios na sua formação, apontando como elementos os aspectos aos quais as participantes recorreram para justificar as suas respostas, sinalizando também as competências e habilidades desenvolvidas no decorrer das práticas; 2) *Critérios para a escolha dos estágios* – que versa acerca do processo de escolha dos estágios feito pelas informantes, expressando os elementos considerados pelas estudantes como fundamentais ao optarem por determinado projeto de estágio e, conseqüentemente, por uma área de atuação, bem como outros aspectos da vida cotidiana e acadêmica que interferem nesta ação; e, 3) *Relação do estágio com outras atividades acadêmicas* – que, como já indicado pelo rótulo dado, indica as relações estabelecidas pelas informantes entre os estágios supervisionados e outras atividades acadêmicas tais como as disciplinas, monografia, extensão, práticas de laboratório.

Esses três temas foram pensados a partir de sua frequência nas entrevistas e nos grupos focais, sendo tomados, então, como ideias nucleares que sintetizam e articulam o material produzido no trabalho de campo com os objetivos do estudo.

A fase seguinte é o “tratamento dos resultados obtidos e interpretação” (BARDIN, 1977/2011, p. 133) propriamente dita, cuja elaboração é apresentada na próxima seção. Ao término deste trabalho de análise, é apresentada uma seção com a *avaliação geral* feita pelas participantes da pesquisa, no intuito de explicitar as *críticas e sugestões* realizadas, bem como realizar uma síntese e integração do que foi elaborado no estudo.

4 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS CONFORME ESTUDANTES E EGRESSOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUC MINAS SÃO GABRIEL

Neste capítulo são apresentados os dados e os resultados do estudo. Com o intuito de lançar uma compreensão acerca da *importância dos estágios obrigatórios na formação dos estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel*, divide-se esta seção em duas partes, as quais, a saber, a primeira apresenta as informações colhidas com as profissionais entrevistadas, e a segunda aborda o que foi elaborado junto com as estudantes que participaram dos grupos focais. Cada uma dessas partes se subdivide em tópicos que representam as categorias temáticas que se originaram a partir da sistematização dos dados na produção da análise.

A primeira categoria analisa a importância dos estágios obrigatórios na formação em psicologia, a partir das percepções das informantes, e as categorias seguintes procuram esmiuçar esse processo oferecendo elementos para o exame dos critérios adotados pelas participantes do estudo na escolha dos estágios que cursaram, bem como as relações que estabelecem entre as práticas supervisionadas e outras atividades acadêmicas, e a avaliação que é feita disso tudo.

Para facilitar a identificação, as subcategorias, isto é, os conteúdos e as unidades de cada grande tema, estão registradas em *itálico*.

4.1 A importância dos estágios obrigatórios na percepção das profissionais

Para a construção dessa dissertação, a pesquisa escutou tanto as experiências de ex-alunas graduadas em Psicologia no curso ofertado pela PUC Minas – São Gabriel, como as percepções de estudantes que ainda não se formaram acerca do mesmo tema. Diferente das discentes, as psicólogas puderam ponderar sobre os estágios supervisionados a partir do curso concluído, fazendo associações com o exercício da profissão, demonstrando como articularam o aprendizado que se deu a partir e na interface dos estágios com a carreira profissional que estão construindo.

4.1.1 Importância dos estágios obrigatórios: articulação entre teoria e prática

Sobre a importância dos estágios obrigatórios, todas as entrevistadas afirmaram que os *estágios realizados ajudaram a escolher a área de atuação na Psicologia*. No caso de parte das informantes, a escolha da área de atuação deu-se em razão de referida prática:

Os estágios obrigatórios foram muito bons para mim e inclusive essa área de atuação começou no estágio obrigatório do nono [período], [...] e depois que eu formei continuei fora da PUC. Então foram eles que me orientaram no campo de atuação que eu estou hoje. Foram muito importantes. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Em outros casos, os estágios ajudaram na escolha da área de atuação reificando uma escolha construída no contato com as disciplinas e outras experiências acadêmicas:

Então, hoje eu vejo que eles são complementares para a minha formação, você até citou né, essa questão de ter estágios disponíveis em várias áreas. Então a gente tem realmente essa possibilidade de navegar em áreas distintas, só que desde o terceiro período eu faço estágio em RH, e a área do trabalho em si sempre foi o que mais me chamou a atenção. Então aí que eu via realmente o campo em que eu queria estar, em que eu queria me dedicar mais. Desde o começo, no estágio obrigatório, sempre que tinha um cantinho de Psicologia do Trabalho e Organizacional, era para lá que eu ia. (PSICÓLOGA 5, 2016).

De fato, é possível observar estreita relação entre os estágios escolhidos pelas entrevistas e a sua área de atuação hoje. Por exemplo, a Psicóloga 1, que atualmente trabalha com avaliação psicológica fez estágios com práticas de psicodiagnóstico infantil e adulto, além do estágio sobre o teste Psicodiagnóstico Miocinético (PMK) que na época tinha parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia e era utilizado em todo o estado de Minas Gerais para obtenção da primeira carteira nacional de habilitação. Já a Psicóloga 2, que trabalha com questões relativas à aprendizagem através da clínica comportamental com crianças e adolescentes, preferiu os estágios de intervenções psicopedagógicas, intervenções psicossociais em Educação, avaliação de adolescentes e estimulação cognitiva. A Psicóloga 3, que trabalha com a perspectiva da Psicologia Social em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), escolheu, dentre outros, os estágios de Psicologia e políticas, políticas públicas: álcool e outras drogas, intervenções psicossociais em educação, e Psicologia social-comunitária. A Psicóloga 4, que por sua vez atua na Psicologia clínica e na Psicologia hospitalar deu preferência aos projetos de estágios que contemplavam estas áreas, chegando inclusive a fazer o estágio de Psicologia hospitalar mais de uma vez, em mais de um campo de intervenção e o estágio de atendimento sob a perspectiva da clínica

psicanalítica com três supervisores diferentes. Por fim, a Psicóloga 5, que escolheu como área de atuação a gestão de pessoas, fez diversos estágios nas áreas da Psicologia do Trabalho e das Organizações, Saúde Mental e Trabalho e Orientação Profissional.

Deste modo é possível apreender que estágios cursados influenciam as escolhas formativas e profissionais das alunas, ao mesmo tempo em que o processo inverso também acontece, há uma relação entre as preferências construídas ao longo da graduação com as escolhas dos estágios – aspecto que será retomado mais à frente, ao se voltar atenção para os critérios de escolha dos estágios supervisionados. Identificou-se ainda que *a experiência de estágio* além de contribuir para a escolha da área de atuação, *também auxilia nos processos de seleção de emprego*, ajudando aos egressos a conseguirem uma oportunidade relacionada à prática:

Eu acho que foi muito importante, até mesmo a escolha que eu fiz com relação aos estágios, foi essencial para a minha carreira. Acho que foi realmente o que me colocou na prática, por exemplo, eu fiz estagio de PMK [...], e logo após a formação minha eu já consegui um trabalho na avaliação psicológica como um *freelance* para uma empresa. Então assim foi diretamente importante mesmo, porque se eu não tivesse aquela experiência que eu tive, eu acho que só com a disciplina já aprende, mas a gente precisa muito da parte pratica e eu treinava muito no estágio de PMK, mas já estava preparada para fazer a parte profissional mesmo. (PSICÓLOGA 1, 2016).

A experiência do estágio supervisionado é considerada por alguns empregadores, mas outro aspecto que foi destacado pelas entrevistadas, considerando que todas elas estão profissionalmente inseridas no mercado de trabalho, é a segurança frente à atuação, colocada como uma das grandes contribuições dos estágios.

[...] eu acho que os estágios nos ajudam a ter uma postura também, porque quando você chega à instituição, tudo bem que você é aluno, mas você precisa demonstrar alguma coisa assim que você tem um certo conhecimento. Então eu acho que o estágio já começa a nos aliciar do que é a nossa pratica profissional. Porque a gente não pode chegar de qualquer jeito no campo de estágio. Então eu acho que isso também foi importante para orientar de como que funciona ne o trabalho do psicólogo. [*Chegava assim como profissional?*] Como profissional, até porque eu acho que é dependendo do campo, mas nos lugares que a gente vai as pessoas já nos veem como profissionais principalmente nos últimos estágios como no nono, no oitavo ou no decimo período que são estágios que a pessoa já está formando, já tem um conhecimento, então acho que você já chega com outro lugar. (PSICÓLOGA 3, 2016).

[...] às vezes quando você forma você fica inseguro, achando que você não sabe. Você vai chegar vai ter dificuldade e quando tem trabalho, quando está na sua frente mesmo aí você vê que está preparada e eu acho que isso se deve aos estágios que eu escolhi porque eu vivenciei mesmo na pratica a atuação. Então eu estava preparada por mais que não estivesse totalmente segura e aí você vai vendo o diferencial dos Estágios da PUC para outras instituições que às vezes as pessoas chegam sem

praticamente nada de experiência em relação à avaliação psicológica, eu senti muita, muita mesmo diferença com relação a isso. (PSICÓLOGA 1, 2016).

A partir do trecho de entrevista supracitado, é possível perceber o reconhecimento por parte das alunas em relação ao estágio como parte prática da formação profissional, existindo, inclusive, uma *comparação com a formação de alunas e ex-alunas de outras Instituições de Ensino Superior* que, conforme os relatos, parecem menos preparadas por não terem tido a mesma variedade de estágios.

[...] acho que é um grande diferencial, não falo isso só porque eu estudei aqui não, mas eu acho um grande diferencial da PUC. Porque a gente presencia logo no mercado de trabalho, quando a gente está fora, a gente encontra com outras pessoas que estão na graduação que nos contam de outras experiências externas de outras faculdades e assim não tem essa preocupação como eu vejo que teve. Pelo menos em relação aos estágios eu falo que foi muito bom, então assim, eu acho que foram importantíssimos, os estágios é o que possibilita a gente ter uma noção de poder colocar um pouco a teoria na prática. (PSICÓLOGA 4, 2016).

Como já adiantado pelo excerto de entrevista acima, a relação teoria e prática também é um fator salientado pelas entrevistadas, no que diz respeito às contribuições dos estágios obrigatórios. Contudo, na corrente dissertação esse aspecto é abordado mais detalhadamente em categoria própria à articulação dos estágios com outras atividades acadêmicas. Não obstante, cabe destacar a importância dos estágios curriculares na formação em Psicologia, ao ponderar sobre as possibilidades e os desafios colocados aos estudantes através das práticas supervisionadas, proporcionando a reflexão acerca do que foi aprendido em sala de aula, contribuindo, simultaneamente, para a construção do conhecimento e para a formação e expertise profissional.

As entrevistadas então ressaltam a *experiência da supervisão/orientação* como outro importante aspecto dos estágios, que permite o desenvolvimento da atuação profissional, através do acompanhamento e da assistência docente.

Porque é muita informação, é muita teoria a graduação toda, é muita leitura e chega em um ponto você pensa: “o que que eu vou fazer com isso”? E poder colocar isso em prática e poder presenciar outros profissionais que estão há mais tempo na área, poder presenciar as discussões de caso faz toda diferença. (PSICÓLOGA 4, 2016).

Eu acho muito importante. Porque você chega sem saber nada, assim você teve a matéria, mas na hora que você chega no local, na instituição, ou na clínica você pensa “e agora como é que vai ser?”. A supervisão é muito importante para te acalmar nesse primeiro momento, no primeiro contato, para te dar as ferramentas para você trabalhar esse primeiro momento. Durante o estágio as questões vão se levantando, as dificuldades... E aí vem esse supervisor também com alternativas, dicas e são dicas e aprendizados [...]. Então eu acho que o supervisor também é muito importante. Esse contato mais próximo, né? Esse encontro semanal [...] é

super importante porque às vezes a gente fica cheio de dúvidas, “aconteceu isso, o que que eu vou fazer?”. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Então a possibilidade de formação com um/a professor/a experiente no projeto de intervenção escolhida pelo estudante auxilia na condução dos casos assistidos e atendimentos realizados, através de orientações acerca sobre o modo de atuar, esclarecimento de dúvidas, mas principalmente, como destaca os relatos, contribui para a construção de um sentimento de segurança por parte das discentes, no que diz respeito ao próprio desempenho. *A experiência de orientação com o/a professor/a supervisor/a* ajuda os estudantes a enfrentarem as ansiedades e inseguranças dos primeiros atendimentos.

[...] quando você entra para o campo profissional respaldado por um profissional já atuante, já formado e com todas as possibilidades e ferramentas, se você tem um suporte muito maior, você tem muito menos medo de errar e você se arrisca mais. Então voltando naquele estagio que eu citei da [professora a¹], lidar com pessoas fragilizadas é muito difícil e eu acho que é um desafio da clínica, principalmente. [...] e eu acho que a principal competência que a gente acaba desenvolvendo é a segurança. Eu acho que nós chegamos ao mercado de trabalho muito mais seguros por ter passado pelo estágio curricular. Então a gente tem uma segurança maior, a gente tem uma confiança maior do que a gente está propondo ali então eu acho que essa é a principal coisa desenvolvida durante os estágios curriculares. (PSICÓLOGA 5, 2016).

O contato e o diálogo entre professores/as e graduandas iniciado nos estágios e continuado após a formação rendem parcerias profissionais e indicações:

Porque na verdade os pacientes que eu tinha aqui eles continuaram e a partir deles foram surgindo outros. Os professores dos estágios também me indicam pacientes. Então essa convivência foi muito bacana e continua até hoje. Então eu tenho indicação da [professora a], da [professora b]... (PSICÓLOGA 2, 2016).

Eu até brinco com [professora a] e falo: É [professora a] você me ajudou muito a desenvolver a psicanálise, você não sabe o potencial que você tem. Porque ela justamente passava isso com muito amor e muito carinho. É muito importante, eu tenho intervenções que hoje que quem ensinou foi a [professora a]. Ela brinca comigo, nós brincamos sobre isso e eu falo com ela: [professora a] eu carrego algo seu comigo. Que é um jogo de palavras muito interessante que ela me fez escutar em um atendimento que eu não esqueço. A [professora b] me traz com muita clareza o Lacan em um Hospital e eu falo: “[professora b] você é muito doida, como que isso acontece? Você viaja muito”. E ela fala: “Não viajo, vai lá, estuda para você ver como que é.” E a gente ficava lá nessa briga né eu falava: “[professora b] não vai dar certo”. E ela: “Vai, você pode fazer!”. E deu, no final deu certo e enfim os outros, todos os outros que eu tive encontro. (PSICÓLOGA 4, 2016).

¹ As marcações “professora a”, “professora b” e “professora c” foram inseridas na intenção de se preservar as identidades das docentes mencionadas durante o trabalho de campo, e foram utilizadas na intenção de sinalizar que em um mesmo trecho as informantes mencionaram o nome de mais de uma professora ou professor. Explicita-se dessa forma que, por exemplo, o registro “professora a” em um excerto de transcrição de entrevista não se refere necessariamente a mesma pessoa sinalizada como “professora a” em outro.

A importância desse contato com o/a professor/a manifesta-se na instauração de um vínculo que ultrapassa os limites da supervisão do estágio curricular e adentra em outras dimensões. Isso se torna possível, segundo as informantes, porque a supervisão de estágio proporciona uma situação em que docente e discentes se aproximam, visto que o contato se dá a partir de pequenos grupos e de acordo com as preferências teóricas e de atuação de cada componente. Contexto muito diferente ao da sala de aula, “[...] a sala de aula tem aquele tanto de aluno, às vezes você não consegue né ter aquela comunicação tão legal quanto você tem no estágio” (PSICÓLOGA 2, 2016). Nos encontros de supervisão professores/as e estudantes se interagem de outras formas, estabelecendo relações acadêmicas que inclusive podem perdurar após a formatura.

Como prática recorrente da Psicologia, a supervisão profissional é parte das trajetórias de alguns egressos, especialmente nos primeiros anos da carreira. Muitas vezes essa supervisão profissional, feita a partir da orientação de um/a psicólogo/a mais experiente, geralmente é realizada junto a um/a professor/a escolhido/a justamente pela supervisão fornecida durante alguma experiência de estágio curricular. Tal fato é ilustrado pela fala da entrevistada – Psicóloga 2 – que tendo feito o estágio de Intervenções Psicopedagógicas, e atuando nesta área, já há pouco mais de cinco anos, ainda mantém contato com a professora através da supervisão profissional.

Além das trocas com os docentes, *a vivência com os colegas na prática do estágio* também apareceu como um aspecto positivo propiciado pelos estágios:

Eu acho que foi muito bom fazer em dupla, principalmente porque foi no início. Te dá um apoio muito grande, aquela insegurança que a gente tem do primeiro atendimento, de como vai ser, do que você vai fazer na hora, quando você tem uma dupla e que tem uma afinidade que trabalha da mesma forma que você, foi muito bom. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Contudo, além do contato com os colegas na prática do estágio em si, proporcionando, mediante a realização de trabalhos em dupla, segurança nos atendimentos, reduzindo o medo e as ansiedades através da parceria estabelecida, *a vivência com os colegas na supervisão* também foi ressaltada. O contato com os pares neste momento permite aos estudantes o compartilhamento de experiências e saberes com outros que estão em contexto semelhantes, auxiliando o aprendizado. Pode-se apontar, ainda, para a criação de uma rede de apoio, solidariedade e de troca de informações entre os estudantes.

E aí na supervisão tem a possibilidade de discutir em contato também com o grupo. Na supervisão, você não é sozinha, né? Você tem um grupo também. Então o outro amigo também leva umas questões que poderiam também estar te ajudando também no seu trabalho, na experiência que você estava tendo. Então a supervisão é muito importante e de muito valor também, por causa dessa troca de ideia e aprendizado. E o supervisor também mediando as experiências, eu achava muito bom. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Pode-se ponderar a partir dos relatos que a experiência entre pares no estágio contribui com o sentimento de segurança que é paulatinamente construído durante as práticas supervisionadas, uma vez que os colegas estão na mesma situação, estão sujeitos aos mesmos erros e acertos. Como destacado por uma das participantes, há em alguns estágios a possibilidade de atuação em duplas, o que ameniza as ansiedades, especialmente nos primeiros estágios de intervenção. Além disso, os colegas também contribuem com o relato de suas experiências, ao compartilhá-lo na supervisão, bem como com a colocação de reflexões junto do professor-supervisor.

Sobre as *competências desenvolvidas durante os estágios*, as participantes reiteraram o papel formativo das práticas, no que diz respeito ao preparo para a vida profissional. Assim, os relatos apontam mais uma vez sobre a necessidade de se colocar em prática o que foi aprendido em sala de aula, colocando em movimentação as teorias, e desenvolvendo habilidades necessárias à prática profissional da Psicologia, tais como a escuta, a ética, o trato aos sujeitos assistidos, a postura e o posicionamento profissional:

A escuta eu acho superimportante, não só na hora que eu estou trabalhando eu percebo assim a minha escuta. Eu aprendi muito nos estágios a questão de perceber o outro, de se colocar no lugar do outro, das dificuldades que vão surgindo, né. Então a gente vai lembrando-se das supervisões dos estágios né e pensa” lá foi desse jeito, vou tentar aqui também”. Acho que essas competências foram trabalhadas e continuam com a parte dos estágios, né? A escuta, né? A questão das dificuldades, a própria ética também na hora do trabalho, a ética do psicólogo que você também aprende durante os estágios, o que fazer, o que não fazer né. Eu acho isso muito importante. Foram competências que foram desenvolvendo nos estágios. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Eu acho que principalmente assertividade no encontro com outro, sabe? É igual eu falei, quando você lida com pessoas, igual muita gente fala né, qual que é o objeto da Psicologia? É a mente e tal? É o sujeito. (PSICÓLOGA 5, 2016).

É interessante apontar que assim como o sentimento de segurança referido anteriormente como algo a ser construído durante as intervenções realizadas e na relação com o/a professor/a-orientador/a, a maioria das competências levantadas pelas participantes dizem respeito a características e habilidades da atuação clínica, mas que conforme colocado pelas próprias informantes não se restringem somente ao *setting* terapêutico. Foram colocadas

também atitudes em relação à equipe de outros profissionais que compõem a clínica e outros espaços de intervenção da Psicologia. Os estágios contribuem então para o aprendizado da vida institucional, a relação com equipes multiprofissionais e com as diversas demandas colocadas nos mais variados serviços de Psicologia. Os relatos mais uma vez corroboram a contribuição dos estágios na percepção de estar assumindo o lugar de um profissional, lugar que apresenta às estudantes responsabilidades perante as pessoas atendidas e também diante de toda a organização a qual estão se inserindo. Por fim, também foram salientados a avaliação e o reconhecimento do que é demanda ou não para a Psicologia e a necessidade de convivência e de construção de uma rede profissional para contatos e encaminhamentos.

Escuta, manejo com equipe clínica e não só com os pacientes porque muitas vezes você tem que saber separar que demanda está chegando até você, se será uma demanda especificamente do paciente ou do enfermeiro que esta te passando o caso. Então uma separação de que demanda é essa, uma habilidade de escuta, de postura profissional, de sigilo que é importantíssimo na nossa profissão, né? De saber até que ponto discutir esse caso com o enfermeiro ou com alguém que não é da área da *psi*, né?. Eu acho esses os principais pontos que eu pude desenvolver nos estágios né. Então assim saber principalmente intervir no caso quando a gente fala assim: “poxa, mas estou escutando isso aqui no maior sofrimento, o que que eu vou poder fazer, proporcionar um pouquinho de alívio, de entender que em alguns casos não vai haver cura, que nós temos um limite de intervenção. Isso foi muito importante, porque a gente imagina muitas coisas”. [...] Os estágios tinham esse cuidado com a gente, que foram essenciais pelo menos para a minha carreira. (PSICÓLOGA 4, 2016).

Questões burocráticas – gestão da clínica, controle de atendimentos, frequência, pagamento, saber cobrar do cliente/paciente – do trabalho do psicólogo também foram colocados como um aspecto importante aprendidos nas práticas de estágio:

Eu acho que o contato com o cliente mesmo, por mais que a gente trabalhe isso na sala de aula a gente não tem noção do que vai ser quando acontece a prática. Então essas habilidades que eu consegui adquirir e de negociação, de manejar muitas coisas com testes. [...] Questão de horário, de pagamento, que eu acho que é uma das coisas mais difíceis para a gente aprender e que é só na prática mesmo, a questão do pagamento, por exemplo, na clínica eu achava interessante porque por mais que a pessoa não precisasse pagar tinha que fazer um “carnêzinho”, entregar na secretaria, então dava uma ideia assim: “eu não tenho que cobrar o valor, mas eu tenho que cobrar pelo menos o preenchimento que a pessoa me fale, que eu consiga falar”. Eu acho que o mais difícil é a gente conseguir falar sobre isso, essa parte mais de gestão mesmo do consultório acho que eu consegui aprender um pouco na clínica durante esse ano. Manejar o horário, a pessoa não ter horário, ligar na clínica para saber como vai fazer, e isso eu acho que eu consegui aprender no estágio. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Embora não tenha sido diretamente perguntando às participantes do estudo sobre a organização dos estágios ao longo do curso – a saber, *Estágios de Práticas Investigativas*,

Estágios Intermediários e Estágios Profissionalizantes – o assunto emergiu algumas vezes ao longo da interação entre pesquisadora e informantes. Sobre o papel dos estágios iniciais / estágio de práticas investigativas na formação dos estudantes, foi destacado a possibilidade de se conhecer campos de atuação profissional através de visitas. Nos primeiros estágios – Práticas Investigativas I – os estudantes escolhem áreas e campos de atuação da Psicologia para observarem e entrevistarem profissionais que ali trabalham. Conforme pontuado pelas participantes, essa prática permite que as primeiras elaborações sobre a Psicologia e a área de atuação a ser futuramente escolhida surjam, bem como contribui para desconstruir ideias preconcebidas sobre a profissão, visto que se trata do primeiro contato mais sistematizado com o campo. Interessante colocar que, apesar da ideia de visitas a campos profissionais estar explicitada no título do projeto, esse aspecto salientado como a principal contribuição desse primeiro estágio não é descrita em sua ementa. Contudo, a questão da reflexão e da escrita de textos acadêmicos foi apontada pelas informantes:

Eu acho que é bom para ajudar um pouco nessa direção que a gente vai tomar durante a formação. Eu não sei se todas as pessoas pensam assim, mas eu pelo menos desde o início já tinha uma ideia do que eu queria, mas eu fui testando através dos estágios se eu realmente queria fazer aquilo. No início eu optei por estágio com o [professor a] [...], fazer visitas, e conhecer os locais. E aí eu vi que por mais que eu gostava da área, não era uma coisa que eu queria seguir assim. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Os estágios Práticas Investigativas II e III também foram lembrados em suas propostas de elaboração de projetos de pesquisa e a prática de uma investigação em si, aproximando os estudantes de questões pertinentes à Psicologia e à produção de conhecimento científico:

[...] teve um estágio de pesquisa e foi muito importante. [...] era um estágio que a gente tinha que pensar sobre um tema e pesquisar, né? [...] a gente escolheu mal de Alzheimer, foi bem bacana esse estágio também. A gente foi em uma associação de cuidadores de idosos com mal de Alzheimer, a gente fez entrevistas com essas pessoas, a gente entrevistou inclusive uma professora que tinha na época, né? Que tinha a mãe [com Alzheimer]. Então esse foi um estágio também bem interessante, né? De iniciação na vida acadêmica. E eu acho que daí eu vi que eu gostava disso, é um estágio bacana para pensar na escrita. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Contudo, são os estágios com práticas de intervenção, sejam eles os intermediários ou, com mais vigor, os profissionalizantes, os que foram mencionados pelas participantes do estudo como os mais marcantes e os que de fato mais foram pensados como experiências mais importantes para a formação. Pode-se pensar que isso se dá devido ao fato de que esses estágios cumprem o papel de aproximar os estudantes da experiência profissional, projetando-

os no *setting* terapêutico e em outros locais de atuação da Psicologia. Também é importante considerar que esses estágios acontecem em uma etapa avançada do curso, momento em que, as estudantes já se apropriaram bastante da Psicologia.

Os últimos foram os que mais marcaram, né? Eu lembro que teve, estou tentando lembrar esses primeiros, assim... mas os últimos foram mesmo os mais marcantes porque foram os que eu continuei também e onde eu atuo hoje. (PSICÓLOGA 2, 2016).

[*Que estágio você destaca no seu curso?*] Teve um que eu gostei muito, que foi [...] um estágio de intervenção psicossocial, [...] álcool e drogas, eu ficava dois turnos na semana [...], mas foi mais para o final do curso então eu já tinha uma maturidade maior. Eu acho que foi muito importante esse estágio porque eu pude conviver com outros profissionais médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais porque eu estava em um campo das políticas públicas, né? Acho que isso foi importante, esse estágio foi muito interessante. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Alguns desses estágios possibilitam aos graduandos o convívio com profissionais de outras áreas que também atuam nos espaços onde a Psicologia está inserida. O retorno da equipe, mas igualmente da população assistida, também foram ressaltados como aspectos importantes dos estágios profissionalizantes.

Então assim, foi um trabalho muito recompensador assim sabe, de ver o pessoal se envolvendo, gostando das nossas intervenções, foi bem voltado para a psicologia do trabalho, principalmente a psicodinâmica [...]. Então a gente fez várias dinâmicas, várias intervenções, várias reuniões de valorização do trabalho e do trabalhador que eu acho que assim o *feedback* sabe, o retorno do pessoal que recebia essas intervenções, de se sentir vivo, de se sentir querido, de se sentir incluído sabe foi, foi muito interessante. Então eu acho que foi um estágio muito marcante por ter um retorno muito claro, porque eu acho que há uns estágios muito teórico que é mais parte construção de artigo e quando ele vai para prática e você consegue amarrar essa prática com um fim, ele é muito claro, e o *feedback* o retorno do trabalhador ou da pessoa né, do campo em que você está. Ele é muito claro, acho que ele fica mais marcado assim. Então esse foi um estágio que me marcou bastante assim, que eu gostei muito, porque eu aprendi muito, que eu tive mais certeza que a psicologia do trabalho era meu campo. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Por fim, um último aspecto no que diz respeito à importância dos estágios obrigatórios, está justamente na lacuna que estes preenchem na realidade de grande parte dos estudantes de Psicologia da PUC Minas – São Gabriel, que não conseguem passar pela experiência de um estágio não obrigatório remunerado, seja pela oferta ainda pequena destes, seja por outros fatores, tais como a necessidade de manter um emprego formal durante a graduação. Ao fazerem uma *comparação entre estágio obrigatório e estágio não obrigatório*, as participantes apontam que os estágios obrigatórios cumprem o papel de preparar o estudante para a vida profissional, sem a obrigatoriedade de se vivenciar o estágio não

obrigatório. Pode-se considerar que há no imaginário dos graduandos, especialmente nos primeiros períodos do curso a ideia de que o estágio não obrigatório é o que compulsoriamente os prepara para a realidade profissional. Contudo, este pensamento é desconstruído ao longo da formação, à medida que os estudantes vão avançando entre os estágios obrigatórios. Assim, as participantes do estudo avaliam que os estágios obrigatórios ofertados pela PUC Minas - São Gabriel são suficientes e cumprem este aspecto da formação. É importante demarcar esse aspecto da referida instituição, visto que, conforme já explicitado, as entrevistadas compararam as suas experiências com as de alunos e ex-alunos de outras IES que relatam sentir-se menos preparados por não terem tido a mesma quantidade e variedade de ofertas de estágios obrigatórios.

Acho que os estágios obrigatórios são pouco valorizados pelos alunos. [*Como assim?*] Pelo menos quando eu estava aqui a gente queria muito fazer estágio fora daqui. Estágio extracurricular, a gente falava que isso sim era uma experiência, como se os estágios obrigatórios não fossem nos dar tanta experiência, mas na verdade eu acho que é um erro. (PSICÓLOGA 3, 2016).

A partir dessa categoria já foi possível *verificar de que modo os estágios cursados influenciam as escolhas formativas e profissionais*, ao mesmo tempo em que também indica algumas das *percepções que alunos têm quanto à importância dos estágios na formação em psicologia*. Embora as disciplinas apresentem para as estudantes o arcabouço teórico da Psicologia em sala de aula, é a partir dos estágios que elas puderam conhecer a diversidade de práticas da Psicologia, testando e ensaiando as suas possibilidades de atuação. É por meio das práticas supervisionadas que as discentes construíram e experimentaram os fazeres e a sua identidade profissional.

4.1.2 Critérios para a escolha dos estágios

Quando questionadas sobre os critérios para a escolha dos estágios, as informantes da pesquisa, em geral apontaram a *identificação com a área e/ou com o professor/a supervisor/a* como os principais elementos a serem considerados no momento de se matricular em determinado estágio:

Eu acho que por dois caminhos, pelo meu interesse na área e pela identificação com o professor. Eu acho que faz muita diferença ver qual professor é supervisor, orientador naquele estágio, você tem afinidade, você sabe o trabalho dele e eu acho que você tem mais confiança na hora da escolha porque quando, por exemplo, na grade aparecia um professor que eu não conhecia eu já ficava mais insegura de saber

como que iria ser seis meses, será que eu iria me adaptar? Será que eu iria gostar? Tanto que dois estágios eu repeti, muita gente fala comigo assim: “Não repete, faz outro”. Mas eu gostei tanto que eu pensei: “eu prefiro fazer ele de novo e aprofundar mais, ganhar mais experiência com um orientador que eu já tenho confiança o que talvez escolher um estágio que eu não vou me identificar”. (PSICÓLOGA 1, 2016).

É interessante considerar que durante as entrevistas e igualmente nos grupos focais, diversas vezes as participantes recorriam ao nome de determinado professor ou professora para se referir ao estágio. Assim, ao invés de falarem que fizeram o estágio de determinada área/projeto, falavam que fizeram o estágio de determinado supervisor ou supervisora, ou que fizeram estágio junto de determinada/o docente. O nome da professora ou do professor tornou-se, desta forma, sinônimo do nome do estágio, representando, desta forma, as áreas de atuação. Dizer o nome do orientador então ajuda a reforçar a identificação não apenas com a pessoa docente, mas também com a área em que ele atua.

Então, com a [professora a] eu fiz estagio, fiz estagio com o [professor b], fiz estágio com a [professora c], fiz estágio sempre com o pessoal do trabalho para me dar mais respaldo para que eu tivesse uma formação, eu quis direcionar minha formação para a Psicologia Organizacional e do Trabalho. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Também é importante salientar que algumas vezes o nome do/a supervisor/a foi utilizado para diferenciar distintos projetos de estágio dentro de uma mesma área. Como ilustração disso, a Psicóloga 4 fala que escolheu, dentro da clínica escola de Psicologia, fazer os estágios de atendimento psicanalítico com crianças e adultos, passando pela orientação de três professores diferentes que supervisionam atendimentos na mesma vertente de atuação:

[...] eu tive um encontro com a psicanálise, [...] aí todos os estágios [que eu escolhi] foram na área da clínica. Clínica psicanalítica com crianças, adultos. Então foi com o [professor a], com a [professora b] e com a [professora c]. (PSICÓLOGA 4, 2016).

Pode ser observado que os estágios auxiliam os estudantes a escolherem as suas áreas de atuação e a definirem as suas preferências dentro da Psicologia durante o curso. Não é o estágio que define o campo, mas ele ajuda a refletir sobre uma preferência que começou a ser construída anteriormente no contato com as disciplinas e outros estudos realizados pelas discentes.

Eu acho que os estágios ajudaram a entender que campo é esse ne que eu dizia que gostava, mas que eu estava ali começando a conhecer. (PSICÓLOGA 3, 2016).

E quando a oferta de estágios não contemplava a área preferida, a escolha era feita por aproximação, emergindo como critérios uma identificação secundária, ou uma opção de estágio que possa contribuir para se pensar de forma mais crítica sobre a área preferida.

Assim, eu como, eu tinha essa identificação com a psicologia do trabalho era o primeiro, tem o da psicologia do trabalho? Tem, então vou tentar! Não tem? Então o que que é mais próximo que possa me acrescentar nessa psicologia? Porque ne como eu disse a questão da psicologia social, que eu fiz um estágio na área da psicologia social. Na época eu não lembro se foi um problema de vaga ou se não havia estágio obrigatório oferecido na área do trabalho, eu não me lembro. Mas eu sei que eu não tive a psicologia do trabalho como opção e acabei optando pela social porque eu acho que ser humano no meio do trabalho é um ser social! Então você tem a psicologia social permeando [...] as minhas escolhas no estágio curricular, eram escolhas que iriam me acrescentar para a carreira que eu queria traçar. [...] Eu vejo que os estágios curriculares, eles podem ter visões diversas dependendo de como este seu relacionamento com a psicologia. Então eu, por exemplo, sempre fui escolhendo na psicologia do trabalho, mesmo escolhendo fora o meu critério escolha era o que poderia contribuir para a minha formação, porque eu tinha uma carreira, eu visualizava uma carreira muito reta para mim. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Sendo assim, à medida que as preferências são elegidas e confirmadas, os estudantes tendem a escolher estágios na mesma área, chegando a fazer o mesmo projeto de estágio por mais de um semestre (*continuidade*), quando possível. Isso acontece, com vigor, a partir dos estágios profissionalizantes, nos últimos períodos do curso, momento em que os estágios na clínica escola firmam a possibilidade de continuidade nas modalidades de atendimento.

Então acho que foi essencial e a gente tem que pensar assim eu preciso fazer o estágio tal, mas pensar em dar sequência a alguma coisa para a experiência ficar mais consolidada. Se a gente pensar em seis meses, tirando férias, feriado, o tempo de quatro meses praticamente é muito curto. Então ter uma experiência de um ano e meio de atendimento mesmo acho que foi muito importante. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Conforme informado pelas participantes do estudo, isso é importante para os estudantes, pois não somente os mantêm em prática em uma área que escolherem por afinidade, mas também contribui para a formação profissional, visto que a possibilidade de poder acompanhar o mesmo cliente em mais de um estágio se aproxima da realidade de atendimento fora do ambiente da graduação.

Eu acho os semestres aqui muito curtos. Então a clínica, por exemplo, eu achava muito pouquinho, quando você começava a estabelecer vínculo, quando o paciente estava um pouquinho mais à-vontade com você acabava o semestre. Então ter como continuar o estágio, no caso continuar os atendimentos foram muito bons tanto para o paciente quanto para o meu aprendizado e os outros eram muito corridos assim. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Então eu consegui acompanhar alguns casos e ter uma melhor visão do desenvolver, do desenrolar dos atendimentos como vão acontecendo. Então foi muito bom, eu acho muito valido. Quem puder emendar os estágios eu acho que é a melhor coisa que tem. (PSICÓLOGA 4, 2016).

A mesma avaliação é feita pelas informantes que fizeram o mesmo projeto de estágio por mais de um semestre, mas fora da clínica escola de Psicologia, em instituições credenciadas como campos de práticas de estágio obrigatório:

[...] com a [professora x]. [...] esse estágio foi importante porque como eu fiquei mais tempo, eu consegui acompanhar mais de perto o trabalho dos profissionais, acho que essa coisa do tempo tem uma diferença assim. Acho que foi importante porque eu tinha lá também contato com as supervisoras junto com os profissionais, então eu também participava [...] da reunião de equipe. Vinham os supervisores para discutir os casos e eu participava. Eventos, por exemplo, eu cheguei a apresentar trabalhos com os profissionais [...] em seminários então eu acho que essa é uma coisa que foi bem interessante. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Uma das entrevistadas destacou a *possibilidade de poder acompanhar o mesmo cliente* em projetos de estágios diferentes, e assim poder avaliar a evolução do caso diante de intervenções diferentes, ao mesmo tempo em que podia analisar qual vertente de atendimento lhe interessava mais:

Fiz estagio de analise comportamental por mais que eu estava um ano na psicanalítica eu acho que a gente tem que tentar pelo menos conhecer. E era a oportunidade que eu teria de vê a diferença de um e outro mesmo na pratica. Então eu escolhi fazer, gostei também, mas opto pela psicanalítica. [...] E o interessante é que foi com a mesma criança, quando eu comecei no psicodiagnóstico e fiz psicanalítica com ele e no estágio seguinte eu continuei com a mesma criança, mas com comportamental. Então deu para ver uma diferença muito grande. [...] Foi difícil, mas eu acho que foi enriquecedor isso e deu pra sentir a diferença no desenvolvimento, no processo mesmo. Porque são áreas muito diferentes e na prática eu pude fazer minha escolha, eu acho que me deu maior embasamento para decidir qual a orientação que eu iria seguir porque eu consegui ver a diferença das duas. Mas não foi fácil, porque tinha hora que eu queria fazer uma intervenção, que eu me lembrava do outro estagio e não dava ne, não dava para seguir mesmo a orientação da supervisora, tinha que ser por outra linha. (PSICÓLOGA 1, 2016).

A continuidade com o cliente, algumas vezes extrapola o tempo da graduação e permanece, inclusive, na vida profissional do estudante:

Fiz sequência. Essa do [atendimento em Psicologia] comportamental, eu fiz em sequência. Inclusive, os pacientes que eu tinha na clínica aqui da PUC depois continuaram comigo na clínica lá fora. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Mesmo que não haja continuidade de cliente, ou que se tenha a possibilidade de fazer a sequência do estágio com o mesmo supervisor, a ideia de continuidade dentro da área foi destacada como um diferencial na formação:

Repetir, na verdade, é só o nome [só um modo de dizer], porque a experiência é totalmente diferente. Foram casos diferentes que eu atendi. Atendi adultos, adolescentes, então cada um tem uma experiência totalmente diferente. (PSICÓLOGA 1, 2016).

A partir do trecho citado, é importante frisar, assim como colocado pela entrevistada, que a possibilidade de continuidade não se trata da repetição de um estágio. A continuidade em um projeto de estágio permite ao estudante a oportunidade de fazer intervenções mais qualificadas, e poder avançar em uma proposta de atendimento. Não se trata, por essas palavras, do mesmo estágio, mas um aprofundamento da experiência formativa. A estudante já possui um pouco mais de conhecimento, de segurança, e as demandas do cliente ou do grupo acompanhando também caminharam.

Mas antes da consolidação das preferências, as participantes apontam para a importância dos estágios em outro processo: o de *conhecer e experimentar na prática outras áreas da psicologia*.

E essas escolhas a princípio foram nessas áreas que eu gostava mais, né? O trabalho com criança voltado para a área do aprendizado escolar e depois eu fui acrescentando outros que eu achava importante para a formação que não tinha muito a ver comigo, mas que eu achava legal eu passar também, mias questões de experiências. (PSICÓLOGA 2, 2016).

[...] quando você vai amadurecendo no curso, você vai vendo que é preciso ampliar. E aí eu vim para os estágios na clínica obrigatórios, então eu acho que inicialmente as minhas escolhas foram mais tendenciosas para as áreas que eu gosto, mas no final do curso eu fui também escolhendo estágios mais amplos de outras áreas, mas certamente os meus estágios e a minha formação como um todo foi mais concentrada nessa área da psicologia social. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Contudo, como já pode ser vislumbrado nos excertos acima, mesmo que essa possibilidade de poder conhecer outras áreas de atuação através dos estágios seja valorizada, em geral ela é evitada pelos estudantes que tendem a escolher as práticas as quais possuem mais afinidade.

Assim, [na minha turma tinha] pessoas que queriam experimentar, por exemplo, a área social, as outras áreas. Foi super válido. No meu caso, eu bati o pé porque eu não queria porque eu já sabia que eu queria a área da saúde e isso era muito claro justamente lá atrás por eu já ter tido outros encontros da minha experiência da graduação om a área da saúde então eu só fiz estágios relacionados ao cuidado. [...]

eu não gostava muito de trocar assim, apesar de ter a disponibilidade de trocar e igual eu falei tenho alguns colegas que experimentaram todos os estágios e para eles foram super válido: Sistêmica, comportamental, todo mundo. Mas eu já tinha muito claro, né? (PSICÓLOGA 4, 2016).

Já eu tenho colegas, pessoas próximas, amigas que eu vejo que usavam os estágios curriculares e faziam sua escolha justamente privando pela diversidade. Então aquela história, sempre fazendo um estágio completamente diferente. Então ia muito de estado de espírito e aí eu acho que as matérias tinham uma vinculação muito grande. “No semestre passado a gente teve psicologia sistêmica, teoria sistêmica.” E aí no próximo semestre eu quero fazer porque eu me identifiquei com aquela teoria e eu quero ver como é na prática. E aí nesse semestre a gente teve psicologia do trabalho, na próxima quero pra psicologia do trabalho. Então eu acho que o estágio curricular, ele é uma forma de você se ver um pouco naquilo, sabe? Você vê a teoria, você entende a teoria, você se identifica ou não com ela e você tem está no estágio obrigatório. Acho que é muito por aí. Então pra mim teve essa coisa mais reta e eu conheço muita gente que fala assim: “eu quero explorar de tudo possível, porque eu quero formar com clareza de quais são as áreas possíveis” né. Então são pessoas que não tinham muito assim: “a quero isso, quero clínica!” Então eu acho que tem essas duas funções, tanto consolidar uma ideia quanto te dar todas as possibilidades de escolha. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Mas nem sempre os estudantes conseguem fazer o estágio almejado. A oferta de estágios é disponibilizada a partir da disponibilidade dos supervisores, e da quantidade de vagas possível para cada grupo de estágio. Assim, alguns alunos não conseguem realizar o estágio que gostariam, quando a demanda por um projeto de estágio muitas vezes excede a quantidade de vagas. As informantes nos contam como vivenciaram esse processo:

O primeiro estágio que eu queria fazer era de estimulação cognitiva, acho que é um dos mais disputados. Até porque ele acontece em uma fase que a maioria não é tão prático quanto [...]. E aí, eu não consegui porque eu marquei errado na hora de fazer a matrícula, nas duas opções eu coloquei o mesmo horário sendo que ele já tinha duas opções para colocar. Talvez se eu tivesse colocado nove, por exemplo, e a segunda opção dez, eu teria conseguido. E aí foi uma frustração muito grande quando eu vi que eu tinha marcado errado e já tinha dado a do início e talvez na segunda turma eu conseguiria. E aí não tinha mais como, no próximo ano não tinha mais, no próximo semestre né, não podia mais fazer esse estágio de novo, acho que ele acontecia somente em um semestre. Eu perdi aquela oportunidade. (PSICÓLOGA 1, 2016).

A entrevistada então salienta que uma confusão realizada na hora da matrícula dificultou a entrada no estágio que ela gostaria. O projeto em questão oferece vagas para dois grupos de estudantes em horários de supervisão diferentes, e ela acabou fazendo matrícula em apenas uma opção, e, devido aos *critérios de seleção do Sistema de Gestão Acadêmica (SGA)*, acabou ficando de fora.

A ansiedade de “eu tenho que fazer essa matrícula logo para eu não perder o prazo”. Porque quando perde o prazo você acaba ficando com os estágios que tiverem vaga. Fazer sempre no prazo certo para eu conseguir realmente a vaga que eu gostaria e eu

acho que foi só dessa vez que aconteceu isso, nos outros eu tive mais cuidado na hora de escolher, colocar as duas opções em horários diferentes para aumentar as chances de conseguir, mas eu acho que foi só isso mesmo, os outros todos que eu escolhi dava certo mesmo. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Quando muitos alunos se inscrevem para o mesmo grupo de estágio, o sistema seleciona-os considerando como critério de desempate o valor da média das notas obtidas em todas as disciplinas (teóricas e estágios) ao longo do curso.

A gente nunca entendeu muito bem como funcionava isso. Tinha uma história que era por nota, aí eu não sei se era por nota, não sei como funciona, mas eu não tive problema, eu sempre consegui fazer os estágios que eu quis. [...] Eu tinha muitos colegas que se queixavam muito, mas eu não tive a menor dificuldade. (PSICÓLOGA 3, 2016).

[...] assim todas as vezes que eu fiz minha matrícula dava certo, se encaixaram naquele estágio então assim sempre havia a preocupação de tirar boas notas porque a gente sabia que isso também era um desempate. (PSICÓLOGA 4, 2016).

No caso das participantes, essa questão da média acabou não sendo um problema, pois elas tinham um bom desempenho e avaliação acadêmica. Sendo assim, tinham boas médias e conseguiam sempre os estágios que queriam. Contudo, essa questão da média como critério de seleção também é problematizada por uma delas, como um aspecto que em geral privilegia os estudantes com melhor desempenho acadêmico, fazendo com que os discentes com as menores médias ficassem na maioria das vezes com as opções de estágio que sobraram.

Assim, Graças a Deus em relação às vagas os estágios que eu escolhi eu sempre consegui, eu nunca tive esse problema de vagas. “Ah não consegui porque tantas pessoas já preencheram as vagas” *eu tive esse privilégio*, não foi por falta de vaga, não foi por não ter vaga em um estágio que eu escolhi o outro não, todos foram escolhas minhas mesmo. (PSICÓLOGA 2, 2016, grifo nosso).

E aí pode ser também porque *sempre tinha as mesmas pessoas nesses estágios, uma coisa do privilégio de cursar os estágios melhores, não sei se melhores, mas que naquele momento todo mundo queria* algum estágio e tinha poucas vagas no estágio. Acho que esse era o ponto que todo mundo queria fazer aquele estágio e não dava ne porque não tinha mais vaga. (PSICÓLOGA 3, 2016, grifo nosso).

Isso aponta para a necessidade de se repensar como os critérios adotados pelo curso na seleção dos estágios são apresentados e discutidos com os alunos, até mesmo considerando que, conforme apontado pelas participantes da pesquisa, a escolha e as vivências dos estágios são cruciais para os itinerários de formação dos estudantes, isto é, influencia as trajetórias acadêmicas e profissionais dos graduandos. Assim, um estudante que não conseguiu fazer estágio na sua área preferida pode não se encantar com a opção que teve, pode frustrar-se com o curso e com a profissão, pode ainda ter dificuldades no mercado de trabalho, visto que não

teve muitas experiências práticas no campo em que escolheu para atuar. Algumas sugestões, como a ideia de aumentar o número de vagas, foram colocadas pelas participantes e serão melhor descritas e analisadas mais à frente.

Contudo, fazer estágios de uma área diferente também não foi colocado ao todo como um problema para as participantes. Fazer estágio em outra área pode ajudar a confirmar as preferências, ao se testar uma experiência diferente. Além disso, as participantes compreendem que o conhecimento obtido através da prática propicia contribuições gerais à atuação e à formação como um todo.

Clínica nunca foi meu forte. Assim, eu sempre soube que era uma coisa assim que eu poderia me dar bem se eu me dedicasse e tudo mais. Não era, né? Meu *feeling* não era para a clínica. Mas teve um estágio que eu não consegui fugir da clínica. Um semestre eu não consegui fugir da clínica. E aí eu acho interessante que mesmo atendendo na clínica, eu fiz com o [professor a], e aí eu no estágio anterior eu tinha atendido um trabalhador que tinha questões do trabalho, que ele tinha se acidentado, estava afastado a muito tempo do trabalho e tinha muito a questão do não trabalho, como que é o ser humano quando ele não trabalha, ele tem essa função tirada da sua vida. E aí eu fazendo esse estágio com o [professor b], acabou o semestre, e eu comecei esse estágio com o [professor a]. E aí eu falei assim: “posso continuar atendendo?”. Então, ter uma vertente clínica, mas do trabalho. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Como pode ser observado nos relatos, essa avaliação é feita com vigor em relação aos estágios da área clínica, embora a avaliação contemple a todos os projetos. Contudo, cabe ponderar que nem todos os estudantes almejam atuar em referido campo, mas, no entanto, reconhecem as contribuições proporcionadas pelos estágios na área, visto que se trata de experiências cuja oportunidade pode não surgir em outros momentos da trajetória acadêmica e profissional.

E acho que foram fundamentais para a minha formação mesmo estando em outra área porque aí eu acho que eu consigo até ter uma escuta cuidadosa para encaminhar no que eu não consigo atuar, que é uma demanda que não é para a assistência, mas que é para a saúde, mas de um adoecimento grande *psico*. Eu acho que saber escutar isso, até para poder encaminhar, é importante. Né? E eu acho que com certeza os estágios aqui da clínica me possibilitaram isso. Né? Não tive essas vivências em outros espaços. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Outro critério colocado pelas participantes, quanto à escolha dos estágios, é a *tentativa de conciliar o horário da prática do estágio com o horário do trabalho (ou do estágio não obrigatório)*. Isso tem relação direta com a realidade de boa parte dos estudantes que precisam encontrar formas de se manter economicamente durante os estudos. Segundo o Inep (2017), a partir de dados colhidos junto aos estudantes que se submeteram ao ENADE 2015, 46% dos

graduandos já em fase de conclusão de curso têm renda familiar entre 1,5 e 4,5 salários mínimos; 66,4% trabalham regularmente (excluídos estágios e bolsas) e 48,9% trabalham pelo menos 40 horas semanais. Como dito anteriormente, na revisão de literatura, o número de psicólogos que se formam em universidades privadas no Brasil é muito maior do que o de egressos de escolas públicas. Boa parte dos estudantes de IES privadas encontram apoio em suas famílias para dar conta de arcar com as mensalidades cobradas e com outros custos relacionados à rotina acadêmica. Outros recorrem a iniciativas tais como Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), do Ministério da Educação, e outros conseguem bolsas de estudo totais ou parciais também oferecidas pelo Governo ou pelas próprias instituições. Contudo, importante parcela destes estudantes, inclusive dos bolsistas, além de procurar manter o foco na graduação também precisam encarar uma rotina de atividade remunerada.

Sempre me preocupei com isso, justamente também por eu ter me dedicado a graduação, no sentido de estar abrindo mão de trabalhar fora para me dedicar à graduação, isso foi muito importante porque eu vi muita gente falando: poxa, esse estágio eu não vou poder fazer, porque eu não tenho esse horário disponível. Eu tinha colegas que poderiam fazer apenas aos sábados. Então eu lembro que a [professora a] tinha um estágio que acontecia aos sábados, acho que era no Vila da Serra, se não me engano, não tenho toda certeza, mas acho que era lá em Nova Lima. Aí as pessoas tinham que se deslocar, tinha um pouco mais de trabalho, mas também tinha a opção para quem trabalhava durante a semana, tinha essa opção no sábado. Como eu abri mão de ter um trabalho fixo fora, para me dedicar à graduação, então eu pude com muita tranquilidade escolher os estágios. (PSICÓLOGA 4, 2016).

O estudante-trabalhador trata, então, como um dos critérios de escolha de estágios, o horário e o local dos estágios, objetivando conciliar a rotina de estudos e de trabalho e de preservar-se financeiramente. Uma alternativa encontrada por parte desses estudantes é a inserção em estágios não obrigatórios, que são atividades remuneradas com jornada de trabalho reduzida.

Eu era uma aluna bolsista então eu não precisava pagar a universidade, então eu acho que isso já ajudou muito na forma que eu fui fazendo a minha trajetória. Então eu ficava meio horário no estágio [extracurricular] e no outro meio turno eu ficava por conta dos estágios obrigatórios, das supervisões. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Eu acredito que, falando de mim, teve um ou dois semestres que eu estava com estágio remunerado mais puxado, que eu acho que talvez eu tenha optado assim por puxar minha atuação por dentro da PUC, porque de fato é mais prático, de fato te rende mais tempo, enquanto você está ali esperando um cliente, você está ali escrevendo alguma matéria da clínica, você está fazendo algum trabalho, você está aproveitando seu tempo. Então tem essa praticidade, mas eu acho que fazer o estágio fora da PUC te dá uma realidade mercado maior, porque não é dentro da PUC que você vai trabalhar, fora pessoas que acabam virando professores e vão pesquisa etc. Aquele não é seu ambiente de trabalho, é seu ambiente de estudo. Então eu acho que

estágio obrigatório ser externo a PUC eu acho que tem grandes benefícios. Eu entendo a praticidade do estágio dentro da PUC, mas eu acho que ele é mais completo quando você sai daquele ambiente. Até porque muda você já vai para o campo com uma responsabilidade e uma cara mais de psicólogo e não estudante de psicologia, eu acho que muda sim. (PSICÓLOGA 5, 2016).

É importante considerar que esse critério se intercrucza com outros. Como já mencionado, o desejo de fazer um estágio em determinada área se conecta com a oferta ou não oferta de algum projeto na área almejada, o que por sua vez tem relação com a quantidade de vagas colocadas e a demanda/procura por parte dos alunos (estágios preferidos, mais concorridos), que, por fim, desemboca no processo de seleção e desempate. Isso quer dizer que às vezes os estágios mais procurados pelos estudantes acontecem nas dependências da própria PUC, e às vezes fora. Assim, um caminho apontado por uma das entrevistadas, apresenta a trajetória de alunos que deixam para fazer considerável parte dos estágios mais para o fim do curso, momento em que, concluídas as disciplinas, dispõem de mais disponibilidade para cursarem os estágios.

Uma dificuldade e agora eu estou lembrando, mas que não foi minha. Muitos colegas que eram trabalhadores, que era de ter um tempo para o estágio. Acho que essa era uma dificuldade grande. Para mim nunca foi uma dificuldade, porque eu fazia estágio [extracurricular, ao invés de ter um emprego formal], então era uma carga horária menor. Mas para os alunos que trabalhavam, eles iam empurrando aqueles que tinha que fazer prática mesmo, para o final. [...] Essa, eu acho que era uma dificuldade, de modo geral, dos colegas. E aí muitos faziam coisas mais próximas do entorno da PUC, porque dava para chegar uma hora mais cedo e fazer. E aí eu acho que esses mais ricos que você tinha que sair mesmo... Eu fiz esses. Mas eu acho que não foi todo mundo que pôde ter essa experiência, né? (PSICÓLOGA 3, 2016).

Um último aspecto, que surgiu em uma das entrevistas, e que pode ser pensado como um critério para a escolha dos estágios, é a *organização do curso nas ênfases*. A partir do sétimo período, os alunos optam por cursar disciplinas e estágios da ênfase em “Gestão, Processos de Subjetivação e Instituições”, ou da ênfase em “Cuidado, Processos Psicossociais e Saúde”. Cada ênfase possui, portanto, projetos de estágios próprios à sua proposta. Contudo, como abordado em capítulos anteriores, as ênfases garantem a flexibilização das trajetórias dos estudantes no curso, permitindo aos alunos a experiência de algumas das disciplinas e estágios da ênfase não escolhida. E foi justamente isso que apareceu, no relato de uma das profissionais entrevistadas, como um aspecto positivo:

[...] eu lembro que a [professora a] falava ou falou uma vez na sala, algo que o povo ficou bravo com ela: “Quem escolher só uma ênfase vai virar um Saci Pererê, porque vai ficar só com uma perna”. E o povo brigou, mas, hoje, quando eu estava

pensando [...] sobre *gestão e cuidado*, é isso, né? Não tem como dissociar uma coisa da outra. E a clínica está muito para a gente da psicologia social, né? Porque escutar a família com seu sofrimento, isso é coisa clínica e principalmente pensando em uma clínica ampliada, não só pelo modelo psicoterápico. [...] mas eu acho que foi fundamental eu ter passado por esses estágios, nessas diversas áreas. Até porque eu não atendo em consultório, né? Então a possibilidade que eu tive de atendimento clínico foi aqui na PUC. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Pode-se vislumbrar que a questão das ênfases não foi considerada como um aspecto crucial da escolha dos estágios, visto que a escolha por uma ênfase ou outra pressupõe e está implícita na escolha por uma área da Psicologia, visto que, por exemplo, os estágios e as disciplinas da área clínica estão em uma ênfase, e os estágios e disciplinas das áreas com atuação mais psicossocial estão em outra.

Por fim, pode-se por ora constatar, a partir dos critérios, das dificuldades, mas também das alternativas apresentadas pelas participantes do estudo, que a oferta de estágios obrigatórios da PUC Minas - São Gabriel é consoante com a realidade dos alunos, com o projeto político pedagógico da instituição, com a formação, de modo geral, e com a identidade profissional que cada um dos graduandos está construindo para si.

4.1.3 Relação do estágio com outras atividades acadêmicas

Sobre a *relação do estágio com outras atividades acadêmicas*, já foi apontada a importância do estágio na *articulação entre teoria e prática*, auxiliando no processo de assimilação dos conteúdos trabalhados nas disciplinas. Contudo, agora se dá mais atenção a este aspecto, salientando a sua função tanto nas reflexões das estudantes acerca de suas preferências teóricas, como na *utilização do que foi aprendido em sala de aula*.

Eu lembro que quando eu fazia o da clínica no hospital que era no Hemominas tinha muita dificuldade nas aulas de psicanálise. Também por resistência pessoal, não sei. Foi muito bom o estágio porque me ajudou muito na disciplina de psicanálise, a entender melhor os termos, a entender como que usava os termos na prática porque lá o estágio era psicanalítico. Então foi muito bom, me ajudou muito na hora da teoria em sala de aula. O psicodiagnóstico também que foi muito complexo também teve sempre a relação na sala de aula com o estágio. Eu acho que não tinham como fazer o estágio sem as disciplinas teóricas não, sempre elas que deram a base mesmo. E o último que foi de intervenções psicopedagógicas eu também comecei só depois de encerrar a disciplina também, senão eu não teria como fazer o estágio e eu acho que são muito ligados, não tem como fazer estágio, porque para mim não tinha como fazer estágio sem estar cursando a disciplinas e aprendendo os termos ne, foram muito importantes as aulas e os estágios ajudando nas aulas e as aulas ajudando nos estágios. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Contudo, duas participantes, uma profissional e outra ainda estudante, como exposto mais à frente, apresentaram críticas, sinalizando a experiência de certo distanciamento entre teoria e prática, dizendo que esse diálogo não acontece sempre, atribuindo ao/à professor/a supervisor/a a responsabilidade sobre esta articulação:

Eu acho que os estágios obrigatórios sempre têm aquela introdução do que é o campo do estágio e tem alguma coisa teórica ali ne, mas acho que muitas vezes não tem muita interlocução não, acho que às vezes tem a ver com a pessoa que conduz o estágio, não sei, na experiência que eu tive, acho que é o professor que dá conta de fazer essa interlocução. Quando a gente traz aquelas supervisões de estagio ne, assim, o que que é o campo? Como é que foram as intervenções? E eu acho que a conversa com o professor que vai possibilitar que seja realmente feito um entrosamento, porque se não, se você for só para o campo sem fazer nenhuma reflexão sobre a prática você acaba fazendo por fazer. (PSICÓLOGA 3, 2016).

É interessante apontar a importância do viés prático promovido pelos estágios, inclusive a ponto de gerar confusão por parte de algumas entrevistadas, quando, por exemplo, a disciplina de Psicopatologia assume essa função:

A gente fez também um estágio com o [professor a] que foi, na verdade foi na clínica, a gente ia ao Raul Soares só para assistir a entrevista. [Na disciplina de Psicopatologia?] Isso. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Na referida disciplina, parte da carga horária é realizada em uma prática no hospital psiquiátrico, onde os estudantes acompanham entrevistas realizadas pelo professor aos pacientes, elaboram relatórios. Atividade muito semelhante à dos primeiros estágios do curso. Mas outras atividades do curso, tais como as experiências de *extensão* e *monitoria*, algumas vezes também foram lembradas pelas participantes, evidenciando justamente a aproximação de suas práticas com o modo de funcionamento dos estágios.

[...] na verdade, eu fiz atendimento com ela pela clínica como monitora, então foi fora do estágio. Seguiu a mesma linha, né? A gente fazia supervisão com o pessoal do estágio, é contado como hora de monitoria. [Você era monitora do laboratório e ela da clínica?] Sim. E aí, às vezes tinha algum caso que não tinha aluno para poder atender e a [professora a] convidava a gente para poder fazer o atendimento no mesmo molde do estágio. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Alguns levam as experiências de estágio para a iniciação científica, outros, como parte das participantes do estudo, abordam a prática como tema de *monografia*, isto é, levam as questões dos estágios para o trabalho de conclusão de curso:

Eu fiz estágio com a [professora a] em nefrologia. Me encantei com pacientes renais crônicos, fui fazer a monografia escrita nessa área, também, para aprofundar um pouquinho. (PSICÓLOGA 4, 2016).

A partir dessa breve discussão, pode-se inferir que os estágios cumprem a função de articular o que é aprendido na sala de aula, através da transmissão de conteúdos teóricos das disciplinas, com a prática e com a realidade na qual estão inseridos os estudantes. Os estágios estão conectados às demandas sociais e também aos temas de interesse dos graduandos.

4.2 A importância dos estágios obrigatórios na perspectiva das estudantes

Como já salientado, o estudo também considerou as percepções das ainda estudantes do curso de Psicologia, no que diz respeito às contribuições dos estágios supervisionados curriculares no processo formativo. Mesmo que estas ainda não tenham uma avaliação das repercussões dos estágios na prática profissional propriamente dita, muito pôde ser dito e examinado no que concerne ao processo de formar-se psicóloga e as implicações dos estágios obrigatórios nisso. Considerando que profissionais e estudantes teceram reflexões semelhantes em muitos dos aspectos abordados na pesquisa, esta seção debruça-se sobre as informações que podem ser reiteradas a partir das experiências das estudantes, mas dará maior atenção àquelas que não foram colocadas pelas profissionais nas entrevistas. A avaliação feita pelas estudantes diz de experiências com os estágios ainda em curso. Em síntese, as discentes apontaram para o lugar de destaque que os estágios ocupam na graduação, salientando a diversidade dos campos e as contribuições no âmbito da construção de conhecimento e das relações entre teoria e prática.

4.2.1 Importância dos estágios obrigatórios: articulação entre teoria e prática

Assim como observado junto das psicólogas entrevistadas, as estudantes também começaram a discussão no grupo evidenciando o aspecto de *articulação entre teoria e prática* que é permitido pelas experiências de estágio supervisionado.

Eu acho que os estágios ajudam a gente a se esquematizar assim os conhecimentos. Da uma organizada no que a gente teve dentro de sala de aula e expande também porque a teoria não é tão viva quanto a prática. Né? (ESTUDANTE 1, 2016).

[...] a gente já percebe coisas que a gente lê mesmo da teoria que a gente vê na prática. Então é muita coisa mesmo, é muito conteúdo que a gente pega nesses estágios. (ESTUDANTE 5, 2016).

As estudantes informam que determinados aspectos da ciência e da profissão Psicologia são aprendidas através dos estágios, tanto pela aplicação de um conhecimento construído anteriormente através das disciplinas como através do conhecimento que é exigido na atuação. “Na prática fica mais claro, até para a gente se posicionar. E abre para outros campos, outras possibilidades que a gente muitas vezes não tem em sala de aula” (ESTUDANTE 5, 2016). O estágio não apenas integra e complementa o conteúdo aprendido nas disciplinas, como convida os/as estudantes a irem além, os/as impulsiona a buscarem outras leituras, outras informações, outros conhecimentos. Como dito pelas informantes, os estágios apresentam aos/às graduandos a realidade que transpassa as teorias:

É um contato com a realidade que eu não imaginei que teria nos estágios. Estava olhando, assim, os preconceitos que a gente já consegue perceber. Né? As diferenças... É bem interessante. Né? É uma coisa para você se preparar mesmo, porque você vai enfrentar no futuro. (ESTUDANTE 4, 2016).

Foi demarcada nas falas das estudantes a organização dos estágios na estrutura do curso (matriz curricular), tanto no que diz acerca do momento em que os estágios aparecem na graduação, os seus níveis de exigência e de conteúdo (básico, intermediário e profissionalizante), bem como a diversidade dos campos de atuação. As discentes *comparam as suas experiências com as de colegas de outras instituições*.

Comparado com outras universidades, a PUC se destaca nisso. Né? Tenho colegas de outras Universidades que lamentam muito a falta desses estágios. E também tem vez que a gente conversando com outras pessoas, quando a gente fala nisso de estágio, às vezes a gente sabe de muitas coisas que eles estão aprendendo ainda, talvez no mesmo período que a gente estava. Isso na minha experiência com outros alunos de outras faculdades. (ESTUDANTE 2, 2016).

Eu acho que essa disponibilidade da gente de estágios, da gente poder de certa medida escolher ter uma grade ampla né que a gente pode escolher determinadas áreas. Acho bacana né, acho que é um diferencial da PUC para a Psicologia principalmente. (ESTUDANTE 4, 2016).

Como dito anteriormente, os estágios básicos preparam os estudantes para intervenções posteriores, que se sofisticam nos estágios intermediários, que já constituem algum tipo de intervenção, até chegar aos de caráter profissional. Nos estágios de nível básico, que se iniciam logo no segundo período da graduação, desde os estágios de práticas investigativas, de visitas a campo e pesquisa, os alunos envolvem-se com a escrita, e começam a se despertar para as *competências e habilidades* que devem se desenvolver ao

longo do curso. Esse início, assim como ocorreu com as profissionais entrevistadas, foi também avaliado positivamente pelas discentes na discussão em grupo:

Eu acho muito importante e interessante aqui na PUC. Os estágios comecem cedo. Porque, assim... Ajuda quando a gente se aplica em um processo. Ajuda bastante a gente a melhorar nossa escrita, habilidade para se posicionar diante de outros lugares que você frequenta e eu acho a proposta muito bacana de começar cedo. Acho que é importante para nossa vida profissional. (ESTUDANTE 3, 2016).

Uma questão interessante sobre a interface da pesquisa que aparece nos estágios iniciais, é que ela não diz respeito apenas à pesquisa teórica, e pesquisa bibliográfica. Mas apresenta aos estudantes, em especial através do Estágio Práticas Investigativas II e III a pesquisa como campo de atuação, isto é, é a primeira experiência das discentes como pesquisadoras no campo da Psicologia, o que pode, ou não, despertar um interesse neste âmbito de atuação (pesquisa em Psicologia) e em uma possível continuidade após a graduação, em uma carreira acadêmica:

Foi muito marcante, a construção de um projeto, depois a pesquisa. O meu foi sobre a importância da fala nos processos de superação em casos de violência. Aí o [professor a] me indicou, ele que era nosso orientador nas Práticas Investigativas I, II e III. Ele indicou um lugar para a gente que era o Núcleo de Atendimento a Vítimas de Crimes Violentos. E aí a gente foi lá fazer pesquisa, e aí a pesquisa foi com [...] uma roda de conversa como metodologia de pesquisa [...]. Foi um caminho interessante e foi tão proveitosa a pesquisa que acabou se desdobrando como um campo de estágio. (ESTUDANTE 3, 2016).

Além desses aspectos que dizem respeito às habilidades pertinentes a pesquisa e a escrita científica, as estudantes reiteraram outras colocações feitas pelas profissionais, confirmando as contribuições dos estágios obrigatórios no desenvolvimento de competências importantes para o fazer da Psicologia:

[Quais competências e habilidades que vocês acham que os estágios possibilitaram para vocês?] [...] Para mim foi saber a hora de ouvir e a hora de falar. Para mim isso foi muito interessante assim, porque nas supervisões, às vezes, foram apontados erros e acertos, a hora que tinha que ficar calada mesmo. Acho que é isso, para mim especificamente foi habilidade de ouvir e habilidade de falar também. (ESTUDANTE 1, 2016).

Eu acho que a escuta também. Independente de que área a gente pode seguir, né? Que a trajetória até que foi uma, mas nada impede que lá na frente eu encontre outros caminhos... Mas para psicologia a questão da escuta é primordial, né? Muito importante. É você saber o momento de escutar e o momento de intervir isso é só com a prática mesmo que a gente adquire. E não só com cliente que eu digo assim, com outros profissionais também. Você tem que saber a hora de você se posicionar e como você tem que se posicionar e é isso de não ficar calado a psicologia aceita

tudo, mas também... Não achar que você dá conta de tudo. É dialogar mesmo sabe montar um diálogo. (ESTUDANTE 2, 2016).

Além dessa escuta, eu acho que também nos estágios que eu fiz me ajudaram a valorizar a interdisciplinaridade, encontrar riqueza nessa troca de saberes, de trabalhar em grupo, de ver diferentes perspectivas é um avanço na condução de um caso. (ESTUDANTE 3, 2016).

O estágio em si, auxilia na inculcação das habilidades de observação e escuta próprias da atuação da psicóloga, mas também contribui para a avaliação do momento em que se deve ou não fazer alguma intervenção, além do posicionamento diante dos sujeitos assistidos e dos saberes de outros profissionais envolvidos na prática. Como também já denotado, os estágios curriculares cumprem a função de permitirem às graduandas um ensaio da prática profissional, ajudando na construção do sentimento de segurança em relação ao trabalho realizado.

Os estágios aqui na clínica de atendimento também, porque antes da gente atender fica aquela insegurança se a gente vai dar conta de conduzir o atendimento e com experiência aqui não que a gente vai sair daqui totalmente hábil para o atendimento, mas, assim, bem preparado sim. Né?. Eu sei que vou dar conta de sair e dar conta de conduzir. (ESTUDANTE 5, 2016).

Ainda sobre a importância dos estágios, as estudantes também acentuaram as contribuições do processo de supervisão e da experiência com a professora-orientadora. A figura docente não apenas transmite conteúdos, é preciso que o estudante aprenda a se “[...] posicionar diante do supervisor, trocar com o supervisor” (ESTUDANTE 5, 2016). No entanto, como advertido na seção anterior, uma estudante chama a atenção para a responsabilidade docente nesse processo:

Eu acho que com relação aos estágios e o orientador, dependendo da forma que o orientador dá a supervisão você aprende mais, porque tem uns que já dão as coisas mais mastigadas e tem outros que te cobram mais. (ESTUDANTE 1, 2016).

A experiência com as colegas graduandas, isto é, com os pares, pessoas em situação semelhante – aquela que ainda não sabe tudo, que ainda está se formando, tem ansiedades e expectativas parecidas – também foi colocada. Como já salientado, essa relação serve de suporte e contribui com o desenvolvimento do sentimento de segurança perante a atuação. Mas um aspecto interessante pode ser evidenciado através da fala de uma das participantes, a saber, a estudante mais experiente agencia a colega com menos experiência no contato com a supervisora, no contato com a prática, nas burocracias do campo, servindo de referência e

agente que pode fornecer dicas e informações, além de ajudar nas reflexões e discussões realizadas:

A troca com os colegas que estão na clínica há mais tempo, como a [estudante 1] faz comigo, eu aprendo demais com elas. Eu estou chegando agora na clínica, né? Escuto o relato delas. (ESTUDANTE 3, 2016).

Por fim, no que diz respeito à importância dos estágios a partir do que foi informado pelas estudantes, cabe destacar, assim como feito pelas profissionais, o papel dos estágios no processo de *escolha das áreas preferidas e preteridas da Psicologia*.

Pois é, depois da minha experiência lá no estágio da violência de gênero, até então eu não tinha em mente nada estabelecido no que eu ia fazer depois de formada. E a partir desse estágio, eu pude pensar em possíveis áreas. Eu ainda não sei o que fazer, mas eu já sei que campo que eu quero seguir, que campo que eu quero entrar, o que que eu tenho que fazer para atingir o objetivo. (ESTUDANTE 1, 2016).

Desde os [estágios] intermediários eu estou aqui na clínica. Comecei com o estágio de entrevistas e então, assim, a maioria dos estágios foram aqui na clínica e um complementando o outro, ainda que fosse diferente, mas a minha trajetória foi mais na clínica. (ESTUDANTE 4, 2016).

Com base nos excertos, um dado que pode ser destacado a partir da fala de uma das estudantes, diz respeito à constatação feita na seção anterior sobre a não oportunidade de se fazer os estágios na área em que se almeja como algo que abre espaço para a construção de outros aprendizados.

A minha entrada para psicanálise não foi uma coisa planejada assim. Eu fui conduzida pelos estágios, pelas experiências, porque antes dos estágios eu gostava da comportamental, mas eu não tive nenhuma oportunidade de estágio para desenvolver a comportamental. E eu fui designada para a psicanálise e não foi uma escolha tão direta, mas que os estágios me abriram possibilidade. É uma área que se eu for pensar em outra abordagem eu tenho que construir de novo o conhecimento. [Você foi levada para a psicanálise, como assim?] Porque quando eu comecei nos estágios de clínica eu fui tentando todas as clínicas, eu fui puxando todas as abordagens para a grade sempre foi caindo na psicanálise e o que hoje eu tenho de conhecimento e de propriedade é psicanálise. (ESTUDANTE 5, 2016).

É interessante pontuar que referida informante não se demonstra frustrada por não ter a princípio conseguido cursar o estágio desejado, ao contrário, consegue ressignificar a sua trajetória, encontrando-se em uma abordagem diferente da que anteriormente vislumbrava.

Por ora, conclui-se mais uma vez que é através dos estágios que os estudantes conhecem a prática, conhecem as possibilidades de atuação para as quais estão se formando. Como elucidado, isso as ajuda a desvendar a práxis da teoria. Os estágios então favorecem a formação e a atuação profissional como um todo, possibilitando a construção de

conhecimento a partir da prática, catalisando, deste modo, a aprendizagem, ao mesmo passo em que inserem os estudantes no âmbito profissional, preparando-os no que diz respeito ao trabalho e ao posicionamento ético da profissão.

Vale, ainda, apontar que assim como pôde ser observado junto das profissionais entrevistadas, que no momento atuam nas áreas as quais os estágios curriculares lhes proporcionaram as primeiras experiências. Também houve correspondência entre os projetos de estágio cursados destacados pelas estudantes com as áreas de atuação pretendidas por elas após a formatura. A Estudante 1 tem interesse em trabalhar nas áreas da Psicanálise e da Psicologia Social, e cursou, por exemplo, os estágios de atendimento na clínica-escola sob a perspectiva psicanalítica, e o estágio “Políticas públicas: violência de gênero”, que possui um eixo psicossocial. A Estudante 2 fez estágios em diversas abordagens clínicas (comportamental, humanista e psicanalítica) e em uma instituição de Saúde Mental, e deseja trabalhar nessas duas áreas. Caminho semelhante foi realizado pela Estudante 3, que além da Clínica e da Saúde Mental tem interesse na Psicologia Social, e teve uma experiência com o estágio “Psicologia Comunitária”. A Estudante 4, que possui interesse em Avaliação Psicológica e Psicologia Clínica, cursou estágios de “Avaliação e estimulação cognitiva”, “Clínica Psicanalítica”, “Entrevista” e “Psicodiagnóstico adulto”, dentre outros. Por fim, a Estudante 5, que destacou suas experiências em centros de Saúde, Instituições de Saúde Mental e na clínica-escola (projetos “Clínica Humanista” e “Clínica Psicanalítica) também demonstrou interesse profissional nessas áreas. Infere-se, a partir disso, que mesmo que uma vez ou outra a estudante não consiga cursar o projeto de estágio almejado, o curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel tem conseguido preservar a diversidade da oferta dos campos de atuação e atender, sempre que possível, aos interesses do seu corpo discente.

4.2.2 Critérios para a escolha dos estágios

Assim como aconteceu com as profissionais entrevistadas, quando questionadas acerca dos critérios para a escolha dos estágios, as estudantes que participaram das discussões em grupo focal também colocaram a *identificação com a área e/ou com o/a professor/a supervisor/a* como um dos subsídios mais importantes no momento de se optar por um projeto de estágio:

Os professores sempre influenciaram muito, o [professor a] eu não conheci porque eu não tive aula com ele, mas ele é sempre muito bem falado como professor supervisor de estágio e esse é um dos motivos. (ESTUDANTE 3, 2016).

Eu também fiz um na área de gestão com o [professor b]. Eu via o [professor b] e ficava pensando que deveria ser muito bom fazer um estágio com ele. Eu pensei mais no professor, e depois que ele começou e a gente já chega e ele bombardeia a gente de informações ele é muito dinâmico, muito bom. (ESTUDANTE 4, 2016).

Uma das estudantes acrescentou ser interessante, considerando aí a questão do supervisor como um dos critérios de escolha não repetir o/a supervisor/a, julgando ser importante ter experiências com outros modelos de orientação:

Eu achei que foi mais produtivo, porque ser supervisionada igual eu fui pela [professora a] foi muito diferente e eu entrei em um esboço que eu nunca tinha entrado antes, eu achei interessante o jeito dela de usar o esboço que poucas usam. Né? Só que aí a [professora b] traz outras experiências para a gente, e mais o [professor c] e a [professora d]... Completamente diferentes uns dos outros, mas a gente aprende muito. Muito bom, acho que vale a pensa mesmo variar, não ficar no mesmo supervisor. (ESTUDANTE 4, 2016).

Contudo, apesar da exposição feita pela participante, não ficou claro se esse de fato foi um critério conscientemente utilizado pela participante no momento da escolha e matrícula nos estágios ou se foi algo que se deu inusitadamente ao longo do curso, e que foi avaliado positivamente por ela ao chegar ao período final.

Sobre a já pontuada não possibilidade de fazer um estágio na área almejada, ela é relatada pela Estudante 5, e como igualmente já colocado, a participante não avalia isso como algo negativo, mas expõe como um acontecimento que a permitiu considerar outras teorias, outras perceptivas, outros conhecimentos. Não obstante, isso também foi denotado pela Estudante 2, que coloca que apenas no último período da graduação, etapa em que as estudantes cursam dois estágios supervisionados no mesmo semestre, não conseguiu se matricular no projeto/prática de estágio que gostaria. Apesar disso, ela também não avalia a experiência como algo negativo, e aponta que isso a ajudou a confirmar o seu interesse em psicanálise.

O único semestre que eu não consegui os dois que eu queria foi no décimo e mesmo assim eu não falo que de tudo foi um ponto negativo. Porque foi bom para eu saber que realmente eu gosto da psicanálise mesmo. Eu acho que foi bom. (ESTUDANTE 2, 2016).

Retomando a discussão sobre o/a estudante-trabalhador/a feita anteriormente a partir do que foi informada pelas profissionais entrevistadas, as estudantes participantes dos grupos focais também colocaram a questão de tentar conciliar os estágios obrigatórios e as demais atividades da graduação com outros aspectos da vida, do cotidiano, em especial o trabalho ou

o estágio não-obrigatório. Sendo assim, o horário da prática do estágio obrigatório no seu campo (dentro ou fora do campus universitário), e o horário de supervisão da atividade, são elementos importantes a serem considerados na escolha dos estágios a serem cursados. Para poder estudar e trabalhar ao mesmo tempo, algumas discentes encaixam as práticas de estágio em seus horários livres. Isso faz com que a estudante dê preferência para alguns projetos de estágio, mesmo desejando poder cursar outros:

Outro motivo também é a questão do horário, se os horários adequam a minha rotina também. Isso é uma pena, por um lado, porque tinha uns estágios que eu gostaria de ter pegado igual [o] de sistêmica, e [...] os horários bateram com os meus. Então eu nunca mais pude pegar esse estágio, a não ser que eu fizesse em outro turno, e então foi uma pena. (ESTUDANTE 3, 2016).

No excerto é possível vislumbrar uma estratégia possível, permitida pela coordenação de estágio, a saber, cursar a supervisão de estágio no contra turno das disciplinas do aluno, e desempenhar a prática no horário de acordo com a disponibilidade da discente. Esse processo foi relatado por uma estudante, que conta que apesar de não ter utilizado essa estratégia para fazer o estágio de Psicoterapia familiar/sistêmica, o fez em outro momento para garantir a experiência em outro projeto de estágio na clínica-escola: “semestre passado, para eu conseguir atendimento na clínica, eu peguei supervisão à noite para não abrir mão [do cliente]” (ESTUDANTE 3, 2016).

No entanto, em um dos grupos focais outra experiência importante na vida das discentes, foi mencionada como um aspecto que influencia a escolha dos estágios. Ter que cuidar da família e dos filhos, também é um fator importante no momento de escolha, e mais uma vez tem a ver com a questão da escolha dos estágios considerando os horários e o local de atuação:

Eu infelizmente não escolhi muitos estágios fora [da PUC] por causa dos meus filhos. Tem um horário para poder buscar [na escola], para poder levar. Fiz pouco, por exemplo, do Hospital, de início eu não queria fazer [...], queria fazer no CERSAM com a [professora a]. [...] Mas foi uma experiência muito boa, só que é igual a [Estudante 4] falou, é uma tarde que você fica fora de casa, e eu chegava tarde, porque lá é longe. [...] mas o bom de você escolher é, que mesmo para mim que não tenho muita disponibilidade de tempo, por causa de casa e de filho, tinha semestre que eu pegava um que [era dentro da PUC] e outro fora. Esse semestre que eu estou mais apertada por causa da monografia, eu peguei os dois aqui. Então dá a oportunidade para cada um fazer da maneira que acha mais adequado, que pode fazer. (ESTUDANTE 5, 2016).

A partir do relato supracitado, evidencia-se que um dos critérios de escolha de estágios é o *locus* ofertado como *campo de estágio*. As participantes denotam, desta forma, que as

estudantes de acordo com a sua realidade e vontade optam por fazer estágios dentro da própria universidade ou no seu entorno – devido à facilidade de acesso, fator especialmente considerado pelas discentes que tentam conciliar a graduação com alguma atividade remunerada – e os estágios cuja prática acontece em alguma instituição conveniada – projetos que por sua vez são considerados por promoverem aos estudantes experiências interinstitucionais e interdisciplinares:

Eu acho que o campo enriquece o psicólogo. A minha trajetória, por exemplo, metade dos estágios profissionalizantes foram fora daqui e metade aqui. Principalmente na área social e depois na clínica, e eu acho que um enriquece o outro e são manejos diferentes. Eu peguei estágios com crianças, adultos, adolescente e idoso. Então, assim... É diferente, né? [...] para cada público você tem que desenvolver uma habilidade, um manejo. (ESTUDANTE 2, 2016).

Eu percebo uma liberdade maior, eu me sentia bem livre igual o [professor a] não ficava lá na [instituição], por exemplo, então eu me sentia livre e ao mesmo tempo insegura, então [...] é bem diferente, como se eu me sentisse mesmo em um lugar que as pessoas estão me vendo ali de um jeito. E aí o pessoal me chamava de doutora, e eu me sentia bem livre para fazer as coisas. Nem sempre eu atuava da melhor forma, mas me sentia super livre. Eu aprendia o que [professor a] falava, era como se eu tivesse já praticamente trabalhando. [...] Lá tem outros profissionais atuando então eles passam as experiências para a gente e aqui não são nossos supervisores, professores. Sem falar o contato com outros profissionais da área. (ESTUDANTE 5, 2016).

Sendo assim, apresenta-se como último critério colocado pelas participantes da pesquisa o interesse em ter uma experiência de atuação em outro campo além da clínica escola de Psicologia da PUC Minas. Conforme salientado pelas estudantes, trata-se de um aprendizado que se dá na vivência de uma relação institucional, que não é propriamente a prática do estágio em si, mas permite o desenvolvimento de experiências, habilidades e competências importantes para o exercício profissional: conhecimento sobre outras demandas, outros sujeitos, burocracias da prática e do campo, trocas de saberes, relação interdisciplinar, dentre outros aspectos.

Finalizando esta seção, é possível destacar que a identificação pela área de atuação e com o/a professor/a orientador/a, a questão do horário e do local da prática e da supervisão são os principais critérios considerados na escolha dos estágios curriculares. Não obstante, também se pôde perceber nas falas das participantes o reconhecimento do esforço por parte da coordenação de estágio do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel em tentar conciliar as ofertas de estágios e a realidade/disponibilidade do corpo discente.

4.2.3 Relação do estágio com outras atividades acadêmicas

Mais uma vez, a importância do estágio na *articulação entre teoria e prática* apareceu como o principal item da *relação do estágio com outras atividades acadêmicas*. Como já colocado, os estágios obrigatórios cumprem a função de ajudar no processo de assimilação dos conteúdos abordados em sala de aula. Mas acrescentando reflexões sobre isso, as estudantes destacaram a função de ensaio dos estágios obrigatórios, ponderando que as experiências supervisionadas não apenas permitem a *aplicação do que foi aprendido em sala de aula*, mas também permitem aos/às graduandos testarem o que estão aprendendo e fazer os primeiros discernimentos sobre as técnicas e práticas de intervenção.

Tem algumas coisas que na prática não vão funcionar. Né? Por mais que esteja lá bonitinho na teoria, lá na prática, no dia-a-dia, talvez não vai ser daquela forma. Eu acho que é isso mesmo que vai te orientar, a teoria o caminho que você vai seguir assim. Ela não vai te mostrar passo-a-passo, mas igual, por exemplo, se você vai para a psicanálise, é importante você saber quais os autores que você vai recorrer e nas outras áreas também. (ESTUDANTE 1, 2016).

As teorias ensinadas através das disciplinas fornecem instrumentos conceituais, mas os estágios vão além, eles permitem a reflexão entre a teoria e a prática, possibilitando a construção de conhecimento por meio da articulação desses dois domínios:

[*Com relação aos estágios que vocês fazem e as disciplinas teóricas, eles estão adequados? Como é que uma coisa está ligada à outra?*] [As disciplinas] dão recursos, né? Para gente não chegar de paraquedas na prática. Elas dão a base, mas muita coisa também a gente aprende, a própria teoria parece que ela é aprendida na própria prática, a gente consegue aprender muita coisa que estava sendo dita teoricamente na prática e como é que ela funciona. (ESTUDANTE 2, 2016).

As participantes ressaltaram, inclusive, a contribuição da prática de estágio ao favorecer o entendimento das disciplinas teóricas:

[*Qual relação que vocês fazem dos estágios com as disciplinas teóricas?*] [...] Eu acho que tem muita, principalmente esse de atendimento que envolve clínica psicanalítica. Por exemplo, eu estou fazendo com a [professora a] muita coisa ela fala agora da clínica da criança, muita coisa que ela fala ela já falou isso na sala, então você vê muitas coisas que você já viu e outras coisas você vê que talvez você não visse muito bem, e aí você tem que buscar lá de novo, que você não prestou atenção. Eu acho que de todos que eu vi aqui nenhum fugiu do que a gente viu, você estuda para além. (ESTUDANTE 5, 2016).

É importante também considerar as articulações entre estágio, monitoria e extensão, no que diz respeito ao fato de que uma experiência abre caminhos para outra. Assim, como nos conta uma das participantes do grupo focal, a partir da vivência de um estágio, ela optou por participar de um projeto de extensão na mesma área: “Eu participei de um projeto de extensão durante um ano. Foi como voluntária do projeto mediação de conflitos, com o [professor a], por causa desse contato com o estágio de Psicologia Comunitária” (ESTUDANTE 3, 2016).

Além da monitoria e da extensão, é possível contemplar nas trajetórias dos estudantes de Psicologia a influência de alguns estágios em suas práticas de pesquisa.

O estágio de escuta das mulheres que sofreram violência, foi um estágio muito rico, veio tardio para mim, porque se eu tivesse pego ele antes, ele seria o meu tema de monografia, [...] porque foi o que me afetou muito. (ESTUDANTE 1, 2016).

Por fazerem parte da grade curricular, os estágios obrigatórios propiciam aos alunos uma diversidade de experiências que muito contribui com a formação, em especial para aqueles que não conseguem participar de outras atividades práticas e acadêmicas como a monitoria, a extensão e a iniciação científica.

4.3 Integrando algumas informações

Nesta última seção da análise sintetiza-se a avaliação que as participantes da pesquisa fazem sobre os estágios curriculares, apontando para a sua importância na formação em Psicologia.

Avaliando de modo geral, a prática de estágio, é possível inferir que as psicólogas e estudantes escutadas percebem os estágios obrigatórios como experiências essenciais à formação, à construção do conhecimento e à prática profissional. Os estágios, como já explicitado, auxiliam os estudantes no processo de escolha de uma área de atuação, confirmando preferências, e os prepara para referida prática, exercitando habilidades necessárias, desconstruindo a insegurança e o medo, e desenvolvendo posicionamos próprios a uma inserção ética e comprometida com o bem-estar social.

Eu acho que os estágios obrigatórios foram fundamentais para a formação de todas as áreas. Porque quando a gente está estudando a gente tende a gostar mais de algumas coisas do que de outras, mas só quando a gente forma e a gente está atuando é que a gente percebe o quanto foi importante passar pelos estágios obrigatórios dos diversos, tanto na clínica quanto os estágios de campo ne assim, na

própria educação, na psicologia social, acho que na própria avaliação psicológica, então eu acho que os estágios obrigatórios eles já contemplam os diversos estágios da psicologia. E quando a gente forma, muitas vezes os alunos não têm oportunidade de fazer outros estágios, né? Eu acho que os estágios obrigatórios por si só já são muito ricos e contribuem muito para nossa prática profissional. Acho que são nos estágios que a gente começa a perceber qual que é o campo da psicologia. Então eu acho que foram fundamentais para a minha formação. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Segundo as participantes, os estágios as despertam para um aspecto identitário e crítico, que faz repensar sobre a própria formação, faz repensar sobre as teorias e fazeres da Psicologia:

[...] eu me sinto hoje um profissional diferenciado e eu acho que é graças aos estágios curriculares de ter essa vertente essa visão mais crítica frente ao meu próprio trabalho e frente à esfera que eu atuo que é a psicologia organizacional. Mas eu acho que eles foram essenciais também para consolidar essa identificação minha, porque de nada adianta você pensar assim: eu quero trabalho e aí você vai e atua nisso e o retorno que você tem não é bom e aí você não se identifica e tudo. Então acho que os estágios, eles me proporcionaram a certeza de que eu poderia traçar esse caminho, que era um caminho que eu ia me identificar, que eu ia gostar que eu ia conseguir me desenvolver enquanto profissional. (PSICÓLOGA 5, 2016).

A dimensão que reitera o lugar da prática na graduação justifica então a necessidade e a função dos estágios curriculares na formação em Psicologia:

Como que eu vou colocar isso em prática? O que que vai acontecer? Mas justamente por isso que é interessante os estágios para você poder ao menos ter uma ideia do que realmente essa teoria fala. Colocar em prática essa teoria, porque você pode muito bem entender a teoria, mas na prática você não conseguir colocar em um desenvolver, e aí não vai fazer sentido. Eu pude entender como que funciona esse mecanismo da psicanálise no atendimento à saúde mental, no atendimento hospitalar. Enfim foi muito importante, claro que para mim no caso mais quando você está mais no final do curso que você consegue ali no sétimo, oitavo muitas coisas começam a fazer um pequeno sentido. O oitavo, nono e décimo eu acho que você já tem um pouquinho mais de segurança justamente porque esses estágios te ajudam a amadurecer. A princípio são só ideias, então os estágios vão te ajudar justamente nessa prática. (PSICÓLOGA 4, 2016).

Avaliando, de modo geral, a supervisão, o papel do/a professor-supervisor/a na formação dos graduandos foi considerado como de suma importância, pois é justamente essa figura que orienta os alunos em seu fazer profissional, acolhe as dificuldades, medos e inseguranças, fornece dicas, cobra posicionamentos, aponta falhas e acertos, apresenta o campo, representa as teorias. O contato com os pares, isto é, a vivência com outros/as estudantes na mesma situação, participando conjuntamente do processo de aprendizagem, trocando experiências também foi evidenciado:

Eu acho que era um momento muito bom, eu lembro que a gente trazia muito como que a gente fez e o professor meio que dava uma orientada. Né? Eu me lembro principalmente aqui na clínica que a gente falava muito das nossas supervisões e eram pontuadas, discutidas a partir do prazo. Eu acho que o estágio sem a supervisão ele fica sem sentido porque se você for para o campo, mesma coisa, eu fiz muitos estágios extracurriculares, e aí você não tem a supervisão como aqui. Né? Eu senti uma diferença. Porque você está lá no campo, mas você fica meio sem interlocutor para conversar. Eu acho que as supervisões eram muito importantes sim e interessante era que a gente compartilhava mesmo as dificuldades da prática e a partir disso a gente conversava, acho que ter outros alunos também era uma coisa legal, alunos às vezes de outros períodos porque às vezes tinha aluno que era irregular. Né? Acho que é importante. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Um ponto negativo acerca da supervisão é o tempo do encontro do/a professor/a com as discentes, visto pelas alunas como pouco e, às vezes, “corrido”:

Fazer supervisões com cinco pessoas para falar... Então, é complexo e a gente tem que se organizar para usar a fala em apenas cinco minutos. (ESTUDANTE 1, 2016).

[...] acho que o tempo [é um aspecto negativo]. Como a supervisão é só 50 minutos, acaba que a gente não aproveita tão bem como poderia aproveitar se tivesse mais tempo para discutir, mais tempo para desenvolver o estágio. (ESTUDANTE 2, 2016).

Em contrapartida, o fato do horário de supervisão funcionar dentro da grade de horário das aulas foi salientado por uma das estudantes do grupo focal, como um aspecto positivo, visto que está dentro das possibilidades e da realidade docente e discente:

Exatamente, até essa questão do horário, por exemplo, não tem supervisão agora quinze horas da tarde, até isso foi pensado. Supervisão próxima [do horário] das aulas, do início das aulas. Isso também eu acho ótimo, porque ou é 17 ou é 18 [horas] geralmente, né? Não colocaram 16 [horas] uma e 15 outra. Então, até nisso ajuda, o horário que a gente já vem para a supervisão mais cedo e depois vai para a aula. (ESTUDANTE 5, 2016).

Dentre as críticas e sugestões registradas, parte delas diz respeito à *oferta de estágios (número de projetos e vagas)*. As participantes então retomam as experiências dos colegas que não conseguem fazer os estágios almejados pela falta de vagas e por outras dificuldades que atravessam a graduação, conforme já explicitado em tópicos anteriores.

Eu acho que a única sugestão que eu teria era aumentar o número de vagas para realmente diminuir essa questão de uma disputa que existe pelos alunos para que a gente consiga ter mais tranquilidade para fazer todos os estágios que tem interesse. Não sei, uma forma de manejar isso para que todo mundo consiga fazer os estágios que realmente tenha interesse. (PSICÓLOGA 1, 2016).

Agora essa questão de escolher aqui na PUC eles falam que tem a questão da nota, a gente vê na sala de aula que quem realmente não consegue escolher é quem não dá

muita atenção para o curso igual quem realmente faz mesmo normal no curso consegue escolher então não sei. A gente esforça sim agora se a nota tiver ruim mesmo, não tem jeito. Eu acho que é uma consequência dos nossos atos a gente também tem que entender isso acho que é até justo. Então, se você se esforça você consegue, se você não se esforça, fazer o quê, né? Não dá para atender todo mundo também, igual esse [estágio] do [professor a] a gente vê que é concorrido, da [professora b].... Eu fico imaginando como é que ele vai supervisionar um estágio difícil desse, duas, três turmas, é orientador de monografia, leitor... A gente também tem que entender, né? Então não vejo isso também como um aspecto negativo da faculdade. Não tem como ela também ser perfeita, né? São muitos alunos. (ESTUDANTE 4, 2016).

Como já colocado, a oferta de estágios é pensada a partir da disponibilidade dos professores orientadores, e, infelizmente, aumentar o tamanho dos grupos de estágio prejudicaria a qualidade da supervisão. Contudo, fica reconhecida a necessidade de se pensar em alternativas que auxiliem esses estudantes na escolha de seus estágios curriculares, tornando o processo mais acessível e democrático, respeitando a realidade dos discentes. Não obstante, também cabe mais uma vez frisar que mesmo o estágio que a princípio não era o almejado pelo estudante, também traz contribuições para a sua formação:

Dos estágios mesmo, dos campos, não tenho o que falar de negativo porque todos os estágios que eu fiz até os que não condiziam com a abordagem que eu queria ou alguma coisa assim não era algo que eu quero desenvolver, mas que trouxeram boas experiências, conhecimentos. Acho que dos estágios, em si, não tenho o que falar de negativo. (ESTUDANTE 2, 2016).

Outro aspecto negativo evidenciado, diz respeito à *duração dos estágios, considerando o tamanho do semestre letivo pequeno*. Na opinião das participantes, o semestre letivo da PUC Minas é considerado pequeno (duração aproximada de quatro meses), o que reduz o período de intervenção e prática dos estágios, fazendo com que em alguns dos projetos sejam realizados poucos atendimentos.

Porque no jeito que a clínica é organizada, [dentro do semestre letivo] há uma interrupção muito bruta, assim, do caso. E tem um tempo longo de espera de pessoas nesse período de férias, e, às vezes, a pessoa tem que contar tudo de novo... (ESTUDANTE 1, 2016).

Aqui, através da fala da participante, salienta-se o paradoxo do estágio como experiência formativa e como experiência de trabalho. No modo de organização da universidade o lado formativo dos projetos de estágio prevalece sobre o profissional. Mas para os estudantes e para a comunidade que se dispõe a contribuir participando das etapas de formação dos graduandos, não apenas através dos atendimentos realizados nos estágios, mas igualmente nas práticas de pesquisa e extensão, o período letivo é ilógico, especialmente no

que diz respeito a algumas intervenções da Psicologia. E as informantes apontaram isso, considerando, ainda, o tempo que seria necessário para que se estabelecesse um vínculo adequado entre os estudantes e as instituições parceiras que se abrem como campos de estágio, inclusive no que diz respeito às burocracias exigidas para o início das práticas, tais como documentos relativos à instauração ou renovação de convênios, termos e relatórios de estágio, plano de atividades do estagiário, dentre outras.

O negativo, acho que foi a questão do tempo mesmo. Eu acho o semestre da PUC curto. Até mesmo as disciplinas, às vezes, final de semestre, aquela correria, aquele monte de prova, aquele monte de trabalho. Eu achava o semestre da PUC curto. E eu acho isso um ponto negativo para o estágio também que tinha tempo de preparação, né? E você tinha que assinar os termos, quando você começava você ficava um ou dois meses onde você estava e já encerrava. Eu acho isso um ponto negativo. Agora, outro ponto negativo que eu encontrei assim, não é tanto negativo assim, mas você não tem um vínculo com a instituição, por exemplo, o Hemominas, você tem um vínculo com a PUC então você não tem possibilidade de continuar lá um trabalho, se você quisesse ne. Não tem essa possibilidade de continuar, se você está em uma instituição não tem continuidade. Acabou com a PUC, acabou lá também. Eu acho que esse é um ponto negativo. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Como pode ser vislumbrado no excerto supracitado, a entrevistada também denota a falta de contratação direta com as instituições conveniadas como um ponto negativo, reiterando a limitação dos atendimentos. A respeito disso, cabe ressaltar que a parceria entre universidade e instituições concedentes é celebrada conforme parâmetros da Lei do Estágio (BRASIL, 2008), com o intuito de zelar pela formação e desenvolvimento profissional dos estudantes. Sob esta finalidade, o estágio obrigatório, portanto, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza. É necessário, porém, que isto esteja assegurado por meio do termo de compromisso firmado entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino. Ainda de acordo com referida legislação, não é possível ter estágio sem supervisor/a. Não obstante, sobre a questão colocada pela entrevistada, os projetos de estágio que permitem uma continuidade do trabalho desenvolvido por parte do aluno no semestre seguinte, parecem solucionar a problemática, tanto no que diz respeito aos atendimentos realizados na clínica escola de Psicologia da PUC Minas, quanto aos que são realizados em outras entidades.

Um aspecto negativo que foi colocado pelas participantes do grupo focal, refere-se à *baixa demanda e/ou a ausência de clientes em alguns projetos de estágio*. Isso fez com que as estudantes passassem por algum estágio sem fazer atendimentos, gerando certo sentimento de frustração nas mesmas:

Eu tive isso um semestre, de cair em um estágio que talvez eu não escolhesse. Mas a experiência do estágio foi ruim porque não teve demanda de atendimento. Foi um

estágio de orientação profissional. Se eu tivesse tido atendimento, acho que teria sido bem mais produtivo do que eu cumprir um estágio “de tabela”, né? [...] Porque tem quem pegar os estágios que sobram, e faz o estágio “para cumprir tabela”, mas não é o meu caso. Todos os estágios que eu fiz, exceto esse, foi por escolha mesmo, foi porque eu quis fazer. Mais um motivo para engajar... Eu escolhi estar ali, por que não desenvolver também lá? Não que as coisas que você não escolhe, você não tem [que se dedicar], mas é uma motivação a mais. (ESTUDANTE 2, 2016).

Às vezes o campo não está bem estabelecido. Em alguns estágios, como o de mediação, você podia escolher a polícia ou a fundação metodista [como campo de intervenção] e eu escolhi a fundação. Mas ela estava começando, então não tinha tanta demanda. Então não cheguei a acompanhar um processo completo de mediação, mas por outro lado eu entendo a importância do campo e agora eu sei que não falta demanda lá. Enquanto a aprendizagem de ver mesmo mediação acontecendo, não pude ter. (ESTUDANTE 3, 2016).

Por fim, o último ponto colocado pelas informantes diz respeito à *rotina puxada* e à *quantidade de estágios obrigatórios do curso*. Conforme relatado, o acúmulo de estágios junto de outras atividades acadêmicas tais como as disciplinas, e no caso dos estudantes dos últimos períodos do curso, com a monografia, é uma experiência desgastante.

Eu acho que de negativo, para mim, está relacionado mais a essa quantidade de conteúdo que a gente tem de outras disciplinas. Que às vezes impossibilitam um pouco de você estudar mais. Eu acho que se você tivesse mais tempo você poderia se dedicar melhor até mesmo no estágio. (ESTUDANTE 4, 2016).

Bom, o único ponto negativo que é mais nítido que era uma reclamação grande dos estágios curriculares é o número deles. Era muito estágio curricular, era muito estágio principalmente no último período, se eu não me engano era dois ou um, não lembro. [...] E ainda orientação de monografia, mais você formando, muita gente já trabalhava formalmente a carga horária inteira, então era muito pesado. Eu sempre estudei no turno da noite então a maioria dos meus colegas trabalhavam o dia inteiro e iam para a faculdade depois e aí tinha estagio curricular, tinha monografia. Era uma coisa que pesava um pouco em termos de investimento. Porque tem alguns estágios curriculares que você consegue administrar em termos de horário e participação e tem outros com a carga horaria já de oito horas de trabalho fica difícil dedicar mais uma hora além da faculdade para atender em algum local específico. Eu acho que é o único ponto negativo que eu vejo, assim, de serem muitos, muitos estágios, mas ao mesmo tempo é aquilo que a gente entende porque é assim, eu não sei se eu diria que não teria que ter. Eu acho que eles são necessários no volume em que são ofertados pela grande gama de possibilidade que você tem na psicologia, mas não deixa de ser pesado ao mesmo tempo. Não deixa de ser corrido e tudo. (PSICÓLOGA 5, 2016).

Através desse trecho de entrevista, é possível apreender que apesar da crítica, a própria entrevistada avalia que todos os estágios foram importantes. Nos grupos focais observou-se movimentação semelhante, e as estudantes participantes fizeram sugestões, propondo uma reorganização do curso que privilegiasse os estágios nos períodos finais, reconhecendo desta forma a função dos estágios na formação, mas também na transição para a vida profissional:

Eu acho que as vezes são muitos no mesmo período, eu acho que eles são até mais importantes do que algumas matérias, que eu acho que é mais “encheção de linguiça”. Eu acho também que muitas disciplinas poderiam ser enxugadas para que os estágios fossem melhor aproveitados. [...] Então eu acho que poderia dar uma enxugada pra valorizar mais os estágios. (ESTUDANTE 1, 2016).

No nono e no decimo período você já está muito exausta você já está quase surtando e tem que fazer isso, fazer relatório disso, desse estágio, do outro, você fica meio perdido. Meio desorientado. Ponto negativo, é que eu acho, não sei e é negativo do estágio porque a pratica é importante, mas de serem muitas matérias junto com o estágio, talvez fosse isso um ponto. Mas que não necessariamente negativo do estágio. (ESTUDANTE 2, 2016).

A gente, às vezes, conversando, no último período, todo mundo cansado, mas tem uma coisa que a gente gostaria de preservar no último período, no último período poderia ser só estágio. Acho que de maneira geral os estágios são muito bem aceitos. Às vezes que eu estava sobrecarregada de coisas, teve períodos que eu estava fazendo estágio, extensão, monitoria, aula e o que me dava aquela leveza, aquele otimismo de levantar cedo e ir em busca eram os estágios que traziam aquele ânimo. [...] nos estágios a gente escolhe no que a gente vai trabalhar, só esse fato já é motivador. (ESTUDANTE 3, 2016).

Como pôde ser observado, tanto nas entrevistas como nos grupos focais emergiram poucas críticas a respeito dos estágios obrigatórios. A respeito disso, pode-se pensar que o fato da pesquisadora ser professora na instituição a que se refere o estudo, ter sido docente e supervisora de estágios de parte das informantes, e ter sido coordenadora de estágios durante o período de graduação das participantes, é um dos aspectos que pode ter contribuído com a pouca apresentação de críticas. Além disso, também pode ser apontada a movimentação realizada por parte das informantes, ao contar sobre as suas trajetórias acadêmicas, atribuindo um sentido positivo para sua formação em Psicologia como um todo, evocando as experiências de estágio, inclusive àquelas não almejadas, dentro desta significação.

Eu não consigo perceber pontos negativos, assim, nos estágios obrigatórios. Acho que é isso, em algum momento a gente pode achar chato, porque pode ser uma coisa que a gente não tem muita afeição. “Nossa que chato tenho que fazer esses estágios porque é obrigatório”, mas hoje, já enquanto profissional, eu não consigo perceber nenhum ponto negativo em relação aos estágios não. Eu acho que contribuíram muito, têm mais pontos positivos, eu acho. (PSICÓLOGA 3, 2016).

Contudo, considera-se que as críticas apresentadas são consubstanciais à análise aqui apresentada, fornecendo informações sobre a realidade do corpo discente e dos estágios supervisionados. A partir desses pontos é possível, então, apreender as percepções das participantes sobre a função dos estágios obrigatórios em sua formação, confirmando a importância das práticas supervisionadas no curso de Psicologia, ao mesmo tempo em que convida a pensar sobre a flexibilização dos currículos, preservando, obviamente a qualidade da formação e sem prejuízo ao desenvolvimento de competências e habilidades profissionais.

Assim, é possível, por fim, reiterar que os estágios no curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel ocupam um lugar de destaque na formação dos estudantes, tanto no aspecto quantitativo quanto qualitativo. Quantitativo, no sentido de que cumprem o mínimo de 15% da carga horária do curso, conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia e qualitativo por atravessarem toda a graduação, preparando os estudantes para a vida profissional, deixando *positivos* registros em suas lembranças:

Acho que todos foram tão importantes, todos os estágios. Eu falo que tenho uma paixão muito grande por eles. Tenho tudo escrito ainda [relatórios, artigos etc.], tenho recordações muito boas porque foram o que me possibilitou mesmo eu chegar onde eu estou hoje. Então, casos de pacientes... A gente não esquece. Eu lembro de casos da clínica escola que eu fico assim: “nossa, como será que está fulana? Será que ela está sendo acompanhada ainda?”. [...] Então a gente percebe essas vivências que, quando você se dedica a elas, fazem toda a diferença. Tem que ter essa possibilidade também, e enfim as escolhas do aluno são muito importantes porque a PUC fornece, possibilita. Então as minhas vivências foram excelentes. (PSICÓLOGA 4, 2016).

[...] os positivos são esses mesmo, aprendizado, a forma como você se relaciona com as disciplinas que são dadas em aula, o contato com os pacientes também que eu acho muito importante de ter... Como sair sem ter esse contato? Sem ter essas vivências, né? Essas experiências, crescimento. Então eu acho que os estágios foram muito importantes. (PSICÓLOGA 2, 2016).

Através da elaboração apresentada, pode-se, por fim, concluir que os estágios obrigatórios cumprem um importante papel diante da formação dos estudantes do curso de Psicologia da PUC Minas - São Gabriel, ao colocar os discentes frente à diversidade das situações de trabalho, contribuindo para a aquisição e o exercício de habilidades necessárias ao exercício da profissão. Não obstante, para além disso, foi possível constatar a influência dos estágios nos processos de construção das identidades profissionais das alunas e psicólogas que participaram do estudo, visto que a partir dos estágios não apenas as preferências teóricas são examinadas, mas simultaneamente ocorre a afirmação do compromisso ético assumido por cada uma ao longo da formação, o que se estende para a vida profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado ao longo desse trabalho, os estágios obrigatórios no curso de Psicologia da PUC Minas – São Gabriel contemplam 15% da carga horária total do curso e estão distribuídos na grade curricular do 2º ao 10º período, evidenciando uma presença quantitativa forte no percurso formativo dos alunos. Buscou-se, portanto, com essa pesquisa investigar e compreender a relevância dos estágios obrigatórios na formação em Psicologia e até que ponto influenciam as escolhas profissionais e contribuem para uma efetiva atuação profissional.

Os relatos obtidos através de grupo focal e entrevistas com alunas e psicólogas, respectivamente, sugerem percepção muito positiva a respeito dos estágios cursados. De um modo geral, os estágios obrigatórios foram considerados como experiências essenciais à formação, à construção de conhecimento e à prática profissional. A partir do exercício de uma atividade profissional em situação real e da supervisão é possível integrar conhecimentos, analisar teoricamente as questões suscitadas pela prática e definir formas de atuação.

Na concepção dos estágios presente no Projeto Pedagógico do Curso (2009), todo estágio deve ser supervisionado, assim a supervisão integra o estágio e são indissociáveis. Isso posto, deve-se considerar a relevância do papel do professor-supervisor na formação dos graduandos que foi bastante destacada, pois é justamente o supervisor que orienta os alunos em seu fazer profissional, acolhe as dificuldades, medos e inseguranças, fornece dicas, cobra posicionamentos, aponta falhas e acertos, apresenta o campo, representa as teorias.

Além disso, o fato da supervisão ser em pequenos grupos, máximo de 5 (cinco) alunos, possibilita o contato com os pares, isto é, a vivência com outros estudantes na mesma situação, participando conjuntamente do processo de aprendizagem, trocando experiências, o que enriquece o aprendizado. Entretanto, as entrevistadas consideraram o tempo da supervisão, 1 hora/aula por semana, como pouco e, às vezes, “corrido”. Essa percepção do tempo pode estar diretamente relacionada ao entusiasmo e à ansiedade gerada pela nova atividade. De um modo geral, ela ocorre principalmente no início do estágio, quando as docentes demonstram maior insegurança e a necessidade de relatar detalhadamente tudo o que ocorreu na prática. Ao longo do semestre, essa percepção se esvai e o tempo parece adequado para as orientações.

Nessa pesquisa, os/as professores/as não foram ouvidos. Entende-se que em outro momento, entrevistá-los seria muito produtivo para também obter a percepção deles a partir da experiência como supervisores.

Outro ponto de destaque é a diversidade e a flexibilidade da proposta de estágios do curso pesquisado. É ofertada uma gama de estágios em diferentes áreas e campos de atuação contribuindo para a aquisição de habilidades necessárias ao exercício da profissão. Os alunos podem escolher os estágios que desejam cursar, entretanto, nem sempre as ofertas condizem com seu interesse e disponibilidade e são obrigados a cursar o estágio em que há vaga. A prioridade para fazer essa escolha está relacionada com a média da nota dos alunos nos semestres anteriores, assim, as psicólogas entrevistadas, que foram indicadas por professores para participar dessa pesquisa por terem tido bom desempenho no curso, relataram que conseguiram definir os estágios de acordo com suas preferências. O mesmo não ocorreu com as alunas participantes da pesquisa, que em alguns semestres não conseguiram todos os estágios almejados. Segundo essas alunas, apesar de terem se sentido frustradas, esses estágios não escolhidos, também trouxeram boas experiências e conhecimentos. Isso tem sentido uma vez que os estágios só são ofertados se tiverem em consonância com o PPC, mesmo que, muitas vezes, a oferta seja proposta a partir da disponibilidade dos professores.

Outro aspecto a ser considerado é que o próprio Projeto Pedagógico do Curso (2009) já apontava para o reconhecimento da qualidade dos estágios tanto pela comunidade acadêmica como pelos diversos setores da sociedade aos quais os projetos de estágio estavam inseridos, constituindo valiosa oportunidade de formação. Desta forma, caberia ao novo PPC manter e aprimorar a estrutura do sistema de estágios e as condições para seu funcionamento.

Isso não significa que o sistema de estágio esteja pronto e que não possa sofrer modificações, pelo contrário, ele precisa estar em constante avaliação de modo a poder se atualizar diante das demandas do curso e da sociedade. Para esse aprimoramento constante, outras pesquisas com alunos e egressos poderiam ocorrer, como também, como já citado, com os/as professores/as supervisores/as de modo que fosse visto também o lado do docente.

Por fim, vale ressaltar que durante a pesquisa foram encontrados poucos artigos, dissertações e teses a respeito dos estágios obrigatórios na formação em Psicologia, evidenciando a escassez de referência bibliográfica e a necessidade de novas pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Cristina M. Entradas e bandeiras: o curso de Psicologia em São Gabriel. **Psicologia em Revista**, Edição Ouro, 2009. p. 95-102
- ANTUNES, Mitsuko A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. São Paulo: Unimarco Editora / Educ, 1999, 137 p.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A consolidação da psicologia no Brasil (1930-1962): sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 22, p. 79-94, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15/08/2017.
- BARBOSA, M. D. de L. Estudo sobre a reestruturação curricular do curso de Psicologia da Universidade de Brasília: o processo e seus produtos. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977/2011, 229 p.
- BASTOS, A. V. B. Perfis de formação e ênfases curriculares: o que são e por que surgiram? **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 14, n. 1, p. 31-58, 2002.
- BERNARDES, J. S. A formação em Psicologia após 50 anos do primeiro currículo nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, 2012, v.32, n.spe, p.216-231. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932012000500016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26/02/2017.
- BERNARDES, J. S. O debate atual sobre a formação em psicologia no Brasil: análise de documentos de domínio público. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2004, 3(2). Disponível em: <www.revpspsi.uerj.br>. Acesso em: 25/02/2017.
- BOSCHI, M. de F. L. e MARÇOLLA, A. L. A. O Instituto de Psicologia da PUC Minas: 50 anos de formação. In: **Psicologia em Revista**, Edição Ouro, 2009. p. 17-25.
- BRASIL. **Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962**. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo, 1962. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em 26/02/2017.
- BRASIL. **Parecer n. 403/62 do CFE**. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior. Disponível em: <<http://www.abepsi.org.br/abepsi/Linha.aspx#>>. Acesso em: 26/02/2017.
- BRASIL. **Resolução currículo mínimo para os cursos de Psicologia**. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Federal de Educação, 1962. Disponível em: <<http://abepsi.org.br/wp-content/uploads/2011/07/1962-curriculominimoparaoscursosdepsicologia.pdf>>. Acesso em: 26/02/2017.

BRASIL. Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm Acesso em: 03 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Resolução nº 005, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de março de 2011 – Seção 1 – p. 19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7692&Itemid= Acesso em: 03 nov. 2014.

COSTA, Joyce Pereira da et al. A Produção Científica sobre a Formação de Psicólogos no Brasil. **Psicologia em pesquisa**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 130-138, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.5327/Z1982-12472012000200006>.

CRUCES, Alacir V. V. Egressos de curso de Psicologia: preferências, especializações, oportunidades de trabalho e atuação na área educacional. Tese (doutorado – Programa de pós-graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia escolar e do desenvolvimento humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006.

CURY, Bruno; FERREIRA NETO, João Leite. Do currículo mínimo às diretrizes curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v.20, n.3. p.494-512. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.16789523.2014V20N3P494/8156>>. Acesso em: 01/02/2017

DAMASCENO, N. F. P.; MÜLLER, N.; CORDEIRO, M. J. de J. A.; MISSIO, L.; REIS, C. B.; SALES, C. de M. Formação em Psicologia: o processo histórico e a análise de um projeto político pedagógico. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, 2016, v.7, n.21, p.243-264. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/download/1104/1189>> Acesso em 26/02/2017.

FENSTERSEIFER, L. et al. Um pouco da história de um curso que se reinventa. In: GONÇALVES, B. D. (Org.). **Psicologia na PUC Minas São Gabriel**: uma década de história. Belo Horizonte: PUC Minas, 2013. 235p.: il.

FERREIRA NETO, João L. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. **Memorandum**, Belo Horizonte, 2010, 18, p. 130-142. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf>>. Acesso em: 19/01/2016.

FERREIRA NETO, João Leite. **A formação do psicólogo.** Clínica, social e mercado. São Paulo: Escuta, 2004; Belo Horizonte: FUMEC/FCH, 2004. 206p.

GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 206p. (Série Pesquisa em Educação; 10)

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: INEP, 2017. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior-20-1/21206>. Acesso em 25/03/2017.

JORGE, M. M. et. al. Um pouco de história: a trajetória dos estágios no curso de Psicologia, unidade Coração Eucarístico, da PUC Minas. **Psicologia em Revista**, Edição Ouro, 2009. p. 63-72

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, 2008, v.10, n. 15, p. 124-138.

LISBOA, F. S. e BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, 2009, ano 29, nº4, p. 718-735.

MARTINS, K. P. H.; MATOS, T. G. R.; MACIEL, R. H. M. de O. Formação em psicologia e as novas demandas sociais: relato dos egressos da Universidade de Fortaleza. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, 2009, v.9, n.3, p.1023-1042. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300013&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 25/02/2017.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.); **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 20 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Instituto de Psicologia. **Projeto político-pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia da PUC Minas São Gabriel.** Belo Horizonte: PUC Minas Unidade São Gabriel, 2009. (mimeo)

SANTANA, Aline Lopes de et al. Estágio Curricular em Saúde e em Psicologia: análise de documentos de domínio público. **Athenea Digital. Revista de pensamento e investigação social**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 507-528, nov. 2016. ISSN 1578-8946. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/article/view/v16-n3-santana-rocha-bernardes-ribeiro/2036>>. Acesso em 19 mar. 2017 doi:<http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.2036>.

SEIXAS, Pablo Sousa; COELHO-LIMA, Fellipe; SILVA, Suzany Gadelha e YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **Projeto Pedagógico de Curso e formação do psicólogo: uma proposta de análise.** *Psicologia Escolar e Educacional*. [online]. 2013, vol.17, n.1, pp. 113-122. ISSN 1413-8557.

SILVA, Danilo O. e. Formação, ideologia e emancipação: nexos com as Diretrizes Curriculares (2004 e 2011) para os cursos de graduação em Psicologia. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2015.

SILVA, Mário Lúcio V. da. O estágio no Departamento de Psicologia da PUC-MG. **Cadernos de Psicologia**, 1993, vol. 1, n.1, p. 39-44

YAMAMOTO, Oswaldo H. A LDB e a Psicologia. In: **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2000, ano 20, n.4. p.30-37.

APÊNDICES

Roteiro para entrevista com ex-alunos, formados de 2010 a 2015 que estejam exercendo a profissão:

1. Caracterização do entrevistado:
 - 1.1. Idade
 - 1.2. Sexo
 - 1.3. Tempo de formado
 - 1.4. Área(s) de atuação
2. Como você percebe a função dos estágios obrigatórios na sua formação?
3. Qual a importância dos estágios obrigatórios na sua formação?
4. Fale sobre os pontos positivos e negativos dos estágios obrigatórios do curso.
5. Qual correlação pode ser feita entre os estágios obrigatórios e as disciplinas teóricas?
6. Como foram feitas as escolhas para os estágios obrigatórios?
7. Quais os estágios que se destacaram no seu curso? Por quê?
8. O que os estágios obrigatórios favoreceram na escolha da área profissional que você atua?
9. Quais competências e habilidades os estágios possibilitaram a você na sua inserção profissional?
10. Tem alguma vivência nos estágios que você considera importante e que eu não perguntei?

Roteiro para grupo focal com alunos do 9º e 10º períodos:

1. Caracterização do entrevistado:
 - 1.1. Idade
 - 1.2. Sexo
 - 1.3. Período atual
 - 1.4. Área(s) de interesse ou área(s) que pretende atuar
2. Como você percebe a função dos estágios obrigatórios na sua formação?
3. Qual a importância dos estágios obrigatórios na sua formação?
4. Fale sobre os pontos positivos e negativos dos estágios obrigatórios do curso.
5. Qual correlação pode ser feita entre os estágios obrigatórios e as disciplinas teóricas?
6. Como foram feitas as escolhas para os estágios obrigatórios?
7. Quais os estágios que se destacaram no seu curso? Por que?
8. Os estágios obrigatórios influenciaram ou favoreceram na escolha da área profissional que você pretende atuar? Como?
9. Quais competências e habilidades os estágios possibilitaram a você na sua inserção profissional (estágios não obrigatórios)?
10. Tem alguma vivência nos estágios que você considera importante e que eu não perguntei?